

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Carolina Marinho Amado

Escolha Amorosa: da repetição à transformação

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em psicologia.

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Janeiro de 2003

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Carolina Marinho Amado

Escolha Amorosa: Da repetição à transformação.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro
Orientador – PUC/Rio

Prof^a. Maria do Carmo Cintra de Almeida
UERJ/RJ

Prof^a. Lidia Levy de Alvarenga
PUC/Rio

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 2003

Ficha Catalográfica

Amado, Carolina Marinho

Escolha amorosa: da repetição à transformação / Carolina Marinho Amado; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2003.

[9], 77 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Narcisismo. 3. Escolha amorosa. 4. Psicanálise. 5. Amor. 6. Inconsciente. 7. Repetição. 8. Transmissão psíquica I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 150

Para Fabio,
um encontro muito especial.

Agradecimentos

A Terezinha Féres-Carneiro, pelo estímulo e incentivo na produção deste trabalho.

A meus pais, Rodrigo e Maria Lucia Amado, pelo apoio, carinho e confiança que sempre depositaram em mim.

A minha avó, Heloisa Marinho, pela aposta nos meus estudos.

Aos meus pacientes, que me possibilitaram compreender um pouco do que às vezes parece incompreensível.

A todos os meus amigos e, especialmente aos meus irmãos Gilda e Roberto, que mesmo de longe, acompanharam pacientemente este percurso.

Ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO, professores e funcionários pelos ensinamentos e pela ajuda.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo a compreensão da escolha amorosa a partir da teoria psicanalítica. Partimos da hipótese de que as relações amorosas são, muitas vezes, repetições de certos padrões de comportamento da infância. As escolhas amorosas repetem essencialmente dois aspectos da formação do sujeito: a relação mãe/bebê e o Édipo. No entanto, isso ocorre de diversas formas a partir das histórias familiares de cada cônjuge. Cada sujeito, na sua singularidade, vai dar um destino para aquilo que lhe é transmitido. Mas, muitas vezes, é difícil escapar de algo que não foi representado nas gerações anteriores. O que não pôde ser revelado vai aparecer de alguma forma, ainda que disfarçado.

Palavras-chave

Narcisismo, Escolha Amorosa, Psicanálise, Amor, Inconsciente, Repetição, Transmissão Psíquica.

Summary

The aim of this paper is to try to understand the love choice from the psychoanalytical point of view. We assume that loving relationships often repeat some patterns of childhood behavior, mainly the Oedipus and the mother/child relationship. Nevertheless, the choice occurs in different ways according to each partner's family history. Each individual, with his own singularity, will give a destination to his heritage. Sometimes, however, it becomes difficult to run away from something that has not been expressed at preceding generations. Things that could not be revealed will somehow appear, even though disguised.

Key Words

Narcissism, Love Choice, Psychoanalysis, Love, Inconscient, Repetition, Psychic Transmission.

“Cada um que passa em nossas vidas
Passa sozinho.
Porque cada pessoa é única para nós
E nenhuma substitui outra.

Cada um que passa em nossa vida
Passa sozinho,
Mas não vai mais só...
Cada um que passa em nossa vida
Leva um pouco de nós
E nos deixa um pouco de si.

Há os que levam muito
Mas não existe os que nada levam...
Há os que deixam muito
Mas não existe aquele que não deixe nada...

Esta é a mais bela realidade da vida.
A prova tremenda da importância de cada um
É que ninguém se aproxima do outro por acaso”

Antoine de Saint Exupéry

Sumário

1. Introdução	10
2. Os primórdios da relação amorosa	13
2.1 Narcisismo, fundamento do amor	13
2.2 Identificação amorosa	20
2.3 Projeção no relacionamento amoroso	28
2.4 Ideal da paixão	31
3. Passado e presente, o que se repete e reconstrói nas relações amorosas	40
3.1 Repetição e Édipo nas relações amorosas	40
3.2 Passado e presente: um único tempo?	49
4. A psicanálise de família e suas contribuições para a questão das escolhas amorosas	54
4.1 Vínculo conjugal	54
4.2 Transmissão psíquica	59
4.3 O mito familiar na constituição do casal	69
5. Conclusão	74
6. Referências bibliográficas	78

1

Introdução

O presente estudo tem como objetivo a compreensão da escolha amorosa a partir da teoria psicanalítica. O casal, como modelo exemplar do vínculo de aliança, com suas raízes inconscientes nas famílias de origem, será nosso objeto de estudo. Partimos da hipótese de que as relações amorosas são, muitas vezes, repetições de certos padrões de comportamento da infância.

No entanto, compreendemos o conceito de repetição não como uma reprodução sem mudanças, cristalizada, privilegiando, desta forma, a singularidade do sujeito. O conceito de repetição seria algo que se apresenta novamente ao sujeito através de disfarces. A escolha amorosa, sob este ponto de vista, é, desde sua constituição, uma repetição de um encontro que fora mascarado por conta da interdição. Muitas vezes, os sentimentos infantis são inconscientemente reativados no momento da escolha, o que confirma nossa hipótese da não aleatoriedade do encontro amoroso.

Assim, passado e presente se misturam e passam a funcionar como emaranhados que acompanham a história do sujeito. A escolha amorosa faz um corte nos legados do passado e, desta forma, contribui para a possibilidade de construir uma nova família. Ela propicia a reedição mais ou menos estereotipada de vivências infantis ou, pelo contrário, experiências inéditas que abrem o campo para novos desenvolvimentos do psiquismo.

A proposta deste estudo é abordar as teorizações freudianas e da psicanálise de família sobre a constituição da subjetividade a fim de compreendermos a escolha amorosa. Partimos inicialmente de Freud, utilizando como conceitos-chave narcisismo, idealização, identificação e projeção. Tais conceitos nos remetem à problemática edípica e à relação mãe/bebê que são, de acordo com a psicanálise de família, os dois organizadores da escolha amorosa.

No primeiro capítulo buscamos abordar esses conceitos a partir do tema das escolhas amorosas. Não é nosso objetivo, portanto, fazer uma compreensão exaustiva de tais conceitos. Utilizamos o termo narcisismo por abordar as relações entre o ego e o objeto, procurando dar ênfase, sobretudo, ao que Freud nos diz a respeito da herança, como lugar e posição que ocupamos estando vinculados ao

narcisismo de nossos pais. Esse estatuto de uma pré-posição antecipada pelas gerações precedentes será também, mais tarde, desenvolvida pelos autores de psicanálise de família.

O sentimento de paixão, fortemente carregado pelas identificações e idealizações, é compreendido a partir da busca de um retorno ao estágio que Freud denominou de narcisismo primário. A idealização, tão comum nos estágios de apaixonamento, é descrita pelo autor como uma reedição da experiência de completude da relação mãe/bebê. Além disso, de acordo com Freud, compreendemos a idealização como uma forma indireta de, através do outro, atingir a perfeição. Destacamos o pensamento de Platão em “*O Banquete*”, a fim de ilustrar esse ideal de completude.

O segundo capítulo aborda a questão da repetição que, como mencionado anteriormente, é aqui compreendida como algo que se apresenta novamente através de disfarces, na tentativa de dar um significado a algo passado que não pôde ser significado. Destacamos a experiência de Freud com as histéricas a fim de nos afastarmos do conceito de repetição como algo que repete um único fator determinante para a escolha amorosa. Para tal, acompanhamos o percurso do autor no qual ele, posteriormente, conclui que o sujeito é produto de uma série de fatores desencadeantes. Reafirmamos aqui a hipótese de que a escolha amorosa consiste em novas edições de antigas características e, conseqüentemente, repetição de reações infantis. O conceito de transferência, como repetição de impulsos e fantasias infantis, nos possibilita compreender essa passagem de um objeto interditado para outro a que se pode chegar.

O terceiro capítulo aborda assuntos trazidos pelas teorias de psicanálise de família. Diversos autores, tais como Eiguer (1983; 1997), Puget (2000), Pichon-Rivière ([1980] 1998; [1983] 1998), Kaës (1989; 2000), Benghozi (2000) e Correa (2000a; 2000b), contribuíram para a nossa compreensão das escolhas amorosas na medida em que estas, muitas vezes, estão referidas às famílias de origem de cada parceiro.

A fim de circunscrever o nosso objeto de estudo, o casal, definimos o conceito de vínculo. De acordo com Pichon-Rivière ([1980] 1998), utilizamos o termo vínculo como algo que se estabelece entre o ego e seus objetos externos e que, através de mecanismos projetivos, é projetado para o mundo interno, formando uma espiral dialética onde vínculo interno e externo estão integrados.

A transmissão psíquica, conceito bastante atual elaborado pela literatura de psicanálise de família, é por nós ressaltada. Enfatizamos a diferenciação estabelecida por Benghozi (2000) entre transmissão intergeracional e transgeracional, apontando duas possibilidades: a de uma transformação ou elaboração e a de uma transmissão cristalizada, na qual predominam aspectos do não-dito e do irrepresentável. Questionamos, ao longo deste item, a possibilidade de significar tudo aquilo que nos é transmitido, enfatizando que há sempre algo que escapa ao sujeito, permanecendo não simbolizado.

Entendemos a questão do mito familiar como uma modalidade da transmissão. Abordamos esse tema a partir, sobretudo, da discussão de Almeida Prado (2000). Concordamos com a autora e, portanto, partimos da hipótese de que o mito influencia as escolhas amorosas. Os parceiros, muitas vezes, possuem mitos semelhantes em suas famílias de origem, fator que inconscientemente une o casal.

Ao longo do trabalho ilustramos com fragmentos clínicos a discussão dos conceitos teóricos abordados. Apesar de não trabalharmos diretamente com a família dos pacientes é possível perceber, através do relato clínico, de que forma a presença, ainda que fantasmática das famílias de origem, está marcada na constituição do sujeito e de suas escolhas.

2

Os primórdios da relação amorosa

2.1

Narcisismo: fundamento do amor

O termo Narcisismo foi empregado inicialmente por Freud em uma nota acrescentada em 1910 aos *“Três Ensaios Sobre a Sexualidade”* ([1905] 1974). Neste artigo, refere-se aos “invertidos” como aqueles que “tomam a si mesmos como objetos sexuais”. Em 1910, no texto *“Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância”*, utilizou o termo como sendo um estágio normal da evolução sexual, ao postular que Leonardo havia sido influenciado pelos acontecimentos de sua infância. Em seguida, faz menção ao narcisismo em alguns textos,, mas foi em 1914 em *“Sobre o Narcisismo: uma introdução”*, que o termo adquiriu um valor de conceito, passando a ocupar um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual dos seres humanos.

O tema do narcisismo é um dos mais relevantes na obra de Freud e, para nós, sua importância se dá, sobretudo, por abordar as relações entre ego e objeto. Daremos ênfase aqui a este conceito no que Freud nos diz a respeito da herança, como lugar e posição que ocupamos estando vinculados ao narcisismo de nossos pais. Antes mesmo do nascimento do bebê parece já haver um lugar, uma posição marcada - pré-posição. Isso significa que a relação narcísica é sempre um número duplo, na medida em que, ao olhar para seu filho, a mãe está olhando também para o filho da infância dela, de seu Édipo. O casal, assim como a criança, está referido a um ideal.

Mas não nascemos narcísicos, nascemos auto-eróticos. A primeira vez que Freud utilizou o termo auto-erotismo foi em 1889 em uma carta à Fliess na qual dizia: *“O estrato sexual mais primitivo é o auto-erotismo, que age sem qualquer fim psicosexual e exige somente sensações locais de satisfação.”* (Freud, [1889] 1974: 377). No texto *“Três Ensaios Sobre a Sexualidade”*, o autor retoma este termo para caracterizá-lo como um estado primário da sexualidade infantil anterior ao narcisismo, no qual a pulsão sexual encontrava satisfação parcial sem

recorrer ao objeto externo. O corpo do bebê, ou parte dele, passava a funcionar como substituto do seio materno, uma vez que através da sensação de sugar surgiram as primeiras experiências de satisfação. Freud percebeu que tais satisfações não representavam unicamente uma necessidade física, mas também havia uma sensação de prazer que se buscava repetir.

Em *“Totem e Tabu”* ([1913] 1974), Freud afirma que o estado auto-erótico antecede a escolha objetal e nos aponta uma necessidade de inserir uma terceira fase entre essas duas. Nesta fase intermediária se daria o encontro de objeto, porém não externo ao sujeito, mas dele consigo mesmo, como um ser inteiro e não mais fragmentado como na fase do auto-erotismo. O sujeito, segundo ele, se comportaria como se estivesse amoroso de si próprio. Isto nos remete ao texto do narcisismo, no qual Freud nos diz que o ego ainda não está constituído:

uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo. O ego tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (Freud, [1914a] 1974: 93)

Enquanto que no auto-erotismo só existe pulsão sexual, no narcisismo primário já existe um ego. O que falta ao auto-erotismo é exatamente a representação de ego, que é alcançada com o que Freud denominou de ego ideal. Este, inicialmente, nada mais é do que a imagem idealizada, formada a partir da imagem unificada que a criança faz de si, da revivência do narcisismo dos pais e das identificações narcísicas. Da satisfação auto-erótica até a formação do ego, caracteriza-se o que Freud denominou de narcisismo primário. Tal estágio é constituinte de um sujeito que é portador de uma história que lhe foi legada. O narcisismo primário é a marca do amor dos pais pelo filho.

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram... Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho - o que uma observação sóbria não permitiria - e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Freud, [1914a] 1974: 107)

A existência de um narcisismo primário é postulada tomando os objetos sexuais originais de todo ser humano – *“ele próprio e a mulher que cuida dele”*

(Freud, [1914a] 1974: 104). A criança sofre uma supervalorização sexual por parte dos pais, trata-se de um fascínio onde os defeitos são totalmente amenizados ou, ainda, desprezados. O ego ideal é, desta forma, consequência de um discurso apaixonante dos pais. A criança seria para o autor, herdeira dos sonhos e desejos não realizados dos pais.

É neste sentido que o narcisismo primário é influenciado pelos olhos desejantes e fantasiosos dos pais. O narcisismo deles requer que o filho seja visto como sendo seu produto absoluto. Ao encará-lo como prolongamentos de si, passam a desejar que seus sonhos sejam realizados pelo filho. É a criança quem deve realizar os sonhos dourados dos pais que não puderam realizá-los. Assim, estes procuram reviver e reproduzir seu próprio narcisismo através dos filhos. Neste sentido, podemos supor que o sujeito emerge do desejo das gerações que o precederam e é convidado, muitas vezes, a ocupar um lugar predeterminado. O bebê já existe no desejo dos pais ocupando uma posição marcada, anterior mesmo ao nascimento. O discurso dos pais antecipa, deste modo, um lugar a ser ocupado pelo filho, lugar este que é marcado pelas escolhas e investimentos parentais.

Da mesma forma que o amor dos pais revela seu narcisismo renascido e transformado em amor objetal, nos estados de paixão o narcisismo primário sofre um deslocamento para os objetos de escolha amorosa igualmente valorizados e cobertos de perfeições. A fascinação converte a pessoa amada em um ser ideal, acima de qualquer crítica, como veremos a seguir.

No estado de narcisismo primário não há relações com o meio, o bebê permanece misturado com a mãe. A unidade mãe/bebê permite uma simbiose em que libido do ego e libido do objeto não são diferenciadas. É a partir da troca que ocorre neste estágio que o ser humano começa a existir, uma vez que ele só é alguém quando está referido a uma pessoa. Quando começa então a se perceber como não mais fazendo parte dessa relação simbiótica, é que se desfaz a ilusão da completude e o bebê vai formando seu próprio ego.

Freud afirma que o desenvolvimento do ego se dá por um afastamento do narcisismo primário que permanecerá como busca de um retorno desse estado. Esse afastamento é originado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal imposto de fora, o ideal do ego.

No momento em que isto ocorre, instaura-se o que se denominou narcisismo secundário. A criança tem que aprender a lidar com a falta e a

imperfeição. Neste contexto aparecem as catexias objetais, ou seja, parte da libido antes voltada para o próprio ego passa a ser dirigida para os objetos externos. O investimento narcisista é que possibilita o reconhecimento dos “objetos de atividade narcisista”, ou seja, daqueles que viabilizam a satisfação.

A possibilidade da relação com outra pessoa vem com o que Freud chamou de ideal do ego. Dessa forma, deslocar-se do registro do ego ideal para o ideal do ego ou, ainda, do amor de si para o amor pelo outro, implica na queda da onipotência narcísica. É necessário que a libido se desloque em direção a um ideal imposto de fora. A formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo-se no fator mais poderoso a favor da repressão.

Segundo Birman (1999) a criança representa a idealização das figuras parentais -“sua majestade o bebê” (Freud, [1914a] 1974) – uma vez que realizaria tudo aquilo que não foi possível para os pais realizar. No entanto, para deslocar-se de um amor de si para um amor do outro, ou, ainda, do ego ideal para o ideal do ego, é preciso que essa idealização e esse lugar de majestade percam espaço. Esse deslocamento nos leva a experienciar a castração, onde somos marcados pela angústia correspondente. O autor utiliza o termo “desfalicização” para explicar essa passagem onde é preciso um certo rompimento, uma queda da onipotência. Do ego ideal para o ideal do ego há uma perda de posição idealizada, pois o ideal do ego, que regula a existência do sujeito, é algo da ordem do inatingível.

É nesse lugar de ideal do ego que o sujeito instala o seu objeto amoroso. O ideal do ego se apresenta como um herdeiro desse narcisismo primário, conciliando, assim, as exigências parentais e sociais. O sujeito passa a buscar um certo equilíbrio na relação amorosa. Procuramos no outro um substituto do nosso narcisismo que perdemos na infância, onde o ideal éramos nós mesmos. Portanto, a meta passa a ser encontrar este ideal. Os investimentos objetais aparecem nos relacionamentos como transformação da libido narcísica.

O objeto amado é tratado, na maioria das vezes, da mesma maneira que nosso próprio ego, ocorrendo, então, um investimento narcísico no objeto. O ego priva-se de seu próprio narcisismo, que será substituído pelo amor da pessoa amada por ele. Neste caso, o objeto serve de referência para algo que o ideal do ego do sujeito não pôde atingir. O objeto é amado pois representa traços que o sujeito não alcançou mas gostaria de ter alcançado. Desta forma, adquire-os de maneira indireta, como meio de satisfazer seu próprio narcisismo.

O sentimento de paixão provoca um empobrecimento do ego e, conseqüentemente, uma supervalorização do objeto desejado. O amor paixão necessita de uma certa correspondência entre a imagem que se faz do objeto e a imagem real do mesmo, assim como uma supervalorização do objeto amado tornando-o, muitas vezes, inacessível, como no caso do amor platônico. O objeto é colocado em um lugar de Deus idolatrado, ou seja, ocupa o lugar do ideal do ego. Parece existir nesse momento somente os dois sujeitos apaixonados, onde um acaba por satisfazer os desejos do outro como garantia de amor incondicional. Quando não há uma correspondência amorosa por parte do outro, o ego fica empobrecido e precisa se recuperar. Sendo assim, é fundamental que a libido, antes voltada para o objeto, retorne ao ego como forma deste se reestruturar. Essa atitude narcisista é uma clara manifestação de algo que já existia previamente, o narcisismo primário.

Certamente, não é tão fácil assim, pois a dor da perda do objeto amado é vivida como um duplo processo defensivo (Vilhena,1988). Em primeiro lugar, parece haver um desinvestimento súbito para depois superinvestir em uma representação do amado que não existe mais. Ambos os fenômenos são muito dolorosos. A representação do objeto amado é fortemente carregada de afeto e acaba entrando em conflito com as representações que foram desinvestidas. O sujeito fica inconsolável, pois ao mesmo tempo em que o amor faz o objeto amado reviver, ele sabe que este foi embora. Há aí uma falha entre a presença viva da imagem do outro dentro de si e sua ausência real.

Todo sujeito situa-se perante o outro esperando uma reação deste, nesta expectativa está o desejo de receber o reconhecimento narcisista. O desejo de ser alguém para o outro, de ser desejado, é o que desde o início constitui o bebê. A partir desta perspectiva, os conceitos de ego ideal e de ideal do ego ajudam a entender certos tipos de demanda de reconhecimento que podemos encontrar nos casais.

O que leva o sujeito a se estruturar segundo um ou outro tipo de reconhecimento narcisista, depende da identificação que teve com seus pais. Quanto mais cheia de regras e condições for a admiração destes pelos filhos, maior será a dependência dos filhos e o desejo de não se afastar da perfeição, tendo em vista que este afastamento poderá provocar rejeição.

No artigo já citado, Freud ([1914a] 1974) distingue dois tipos de escolha objetal: a anaclítica e a narcísica. Segundo ele, esta última costuma coincidir com a identificação feminina, enquanto que a primeira coincide com uma identificação masculina. No entanto, isto não significa que um tipo exclui o outro, dado que a escolha amorosa não é unideterminada. O que pode ocorrer é uma prevalência de uma escolha objetal sobre outra.

Na escolha anaclítica ama-se a mulher que alimenta ou o homem que protege, ou seja, o objeto idealizado. Por outro lado, na escolha narcísica procura-se um objeto que se assemelhe a si: ama-se a si próprio, alguém que foi um dia parte de si, o que se gostaria de ser, ou, ainda, o que se foi um dia. Neste tipo de escolha o que está em jogo é uma necessidade de ser amado, ou seja, o sujeito é seu próprio ideal. É um movimento regressivo como propõe Alvarenga (1996), uma vez que o ideal está no próprio sujeito. O modelo narcísico de amor supõe uma indiferenciação do outro, como ocorre no narcisismo primário.

Já na escolha anaclítica, este ideal está no outro. Há uma dinâmica progressiva em um sentido que vai além do sujeito, fazendo com que este se movimente. Este já é um modelo de ideal do ego onde o sujeito não é seu próprio objeto de amor, o que dá margem à existência e reconhecimento do outro em uma relação complementar (Alvarenga, 1996).

Mas, até que ponto quem ama se priva realmente do narcisismo ou ama no parceiro algo de si mesmo projetado no outro, ou seja, no fundo se reinveste narcisicamente? Féres-Carneiro (1996; 1997) apresenta a questão da escolha amorosa como um jogo conjunto inconsciente, que se estabelece entre os parceiros em função de um conflito similar não superado.

Em ambas escolhas, o que se busca no parceiro é uma confirmação da imagem que se tem de si. Os primeiros momentos de uma escolha amorosa parecem ter como objetivo recuperar o estado narcísico. Ou seja, o ego permanece na tentativa de tornar-se seu próprio ideal. Por isso, em toda escolha amorosa parece haver também uma escolha narcísica. Por exemplo, na escolha de tipo anaclítica, há tanto escolha objetal como identificação. A pessoa se identifica com o que é, e escolhe o parceiro que desejaria ter. Aquilo que a pessoa deseja ajuda a definir quem ela é.

A dependência ao objeto amado tem como efeito a redução daquele sentimento: uma pessoa apaixonada é humilde. O indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituído pelo amor de outra pessoa por ele. Sob todos esses aspectos, a auto-estima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor. (Freud, [1914a] 1974: 116)

Certamente, essas escolhas estão carregadas de “pré-requisitos” baseados na história de cada um, e, sobretudo, na vivência edípica. O amado é, antes de tudo, uma instância psíquica totalmente diferente da pessoa concreta, ou seja, a representação que temos do nosso objeto de amor não é, na maioria das vezes, o que ele é em si. Cada um cria para si uma fantasia que o representa internamente. Assim, ele existe tanto fora como dentro de nós sob a espécie de uma presença simbólica. É justamente sob este aspecto que amamos e experimentamos a relação com o outro, somente através do simbólico é que conseguimos nos relacionar.

Em 1912 (1974), Freud descreve a singularidade das escolhas objetais como tendo uma origem psíquica que deriva, na maioria das vezes, de fixações infantis dos sentimentos de ternura pela mãe. Os primeiros momentos de uma escolha amorosa parecem ter como objetivo a recuperação de um estado de narcisismo: o ego busca, como na infância, tornar-se seu próprio ideal. Podemos supor, então, que todo amor é um reencontro do primeiro objeto perdido na infância e, com isso, traz para si a satisfação de transformar esse encontro amoroso em um reencontro narcísico.

A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representam, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas. (Freud, [1914a] 1974: 117)

A libido narcísica é o reservatório de onde partem e para onde retornam os investimentos objetais. Esse estado original parece persistir por trás da libido em todos os investimentos posteriores. Para Freud, é na puberdade que se dá o processo de encontro do objeto. O modelo infantil de amor se baseia nas pessoas que amparam a criança e satisfazem suas necessidades. Podemos afirmar que o amor tem como modelo primeiro a relação com a mãe, e todo amor posterior representa uma tentativa de continuação desse primeiro.

O narcisismo encontrado no início de nossas vidas e que faz parte do desenvolvimento de todos nós, jamais é abandonado. A supervalorização narcísica do sujeito e a crença em sua onipotência não cessam.

2.2

Identificação Amorosa

O processo de transmissão no plano das relações ocorre, sobretudo, através das identificações. A identificação precede até mesmo a percepção do objeto e serve, em geral, para unir, modificar ou neutralizar as pulsões. Em 1905 (1974), Freud conclui que a identificação é um processo próprio do ser humano. A capacidade de cada sujeito continuar a perceber-se enquanto uma continuidade no contexto de mudanças necessárias que passa ao longo da vida, está vinculada a uma experiência emocional de sentimento de identidade. Este sentimento, por sua vez, está relacionado com uma boa internalização de objetos a partir das identificações.

Freud ([1921] 1974) descreveu a origem da identificação como o desejo de devorar. Essa descrição resulta na ilusão de se adquirir a qualidade do objeto pela introjeção. No capítulo V de *“Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”* ([1905a] 1974), o autor nos fala que no início da vida a satisfação sexual está vinculada a ingestão de alimentos e tem como objetivo o seio, ou seja, um objeto externo. Mais tarde essa satisfação ocorreria através do próprio corpo do bebê, como uma espécie de substituição do seio materno. É somente após a fase de latência que a relação original será resgatada. Desta forma, Freud afirma que o protótipo de toda relação amorosa é a imagem que a criança possui do seio da mãe. O encontro de um objeto seria, na realidade, um reencontro com esse seio que foi o primeiro objeto de satisfação.

O autor acrescenta ainda que mesmo após a atividade sexual não estar mais ligada à ingestão de alimentos, uma parte dessa primeira relação com o seio persiste e ajuda a preparar as escolhas de objeto. Contudo, o próprio Freud afirma que não podemos concluir que é somente o afeto da criança por seus pais, quando revivido na puberdade, que indica o caminho para a escolha do objeto amoroso.

As identificações desempenham duas funções diferentes: podem servir para reencontrar o objeto no mundo externo ou ainda desempenham a função do mundo interno, servindo de substitutos para perda dos objetos. Reúnem, portanto, lembranças, percepções e fantasias provenientes de diversas fases do desenvolvimento do sujeito. Podemos afirmar que a identificação nos remete à origem e ao desenvolvimento do ego. Além disso, não podemos dissociar todo processo identificatório dos investimentos objetais, pois o próprio Freud apresenta questões relativas ao ego e ao objeto como fazendo parte de um mesmo conjunto.

Em “*Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*”, Freud ([1921] 1974) nos diz que o conceito de identificação é conhecido como a mais primitiva e original expressão de um laço emocional. Na primeira modalidade de identificação por ele apresentada temos uma identificação pré-edipiana que “*desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo*” (Freud, [1921] 1974: 133). Essa identificação, que podemos denominar de primária, ocorre antes da escolha objetal.¹ Durante o desenvolvimento do sujeito a libido se liga à satisfação das necessidades vitais, escolhendo como seu primeiro objeto de amor a mãe ou seu representante. As primeiras identificações ocorrem na relação mãe/bebê. As trocas decorrentes deste momento permitiriam ao sujeito diferenciar-se gradualmente através dos mecanismos de projeção e introjeção, até possibilitar sua individuação.

No entanto, o Édipo possui um lugar privilegiado na constituição do sujeito. A forma positiva do Édipo se manifesta no sentimento de rivalidade da criança pelo progenitor do mesmo sexo e desejos amorosos pelo progenitor do sexo oposto. Em sua forma negativa ocorre o inverso. Mas o fundamental é que a partir do Édipo emergirá a ambivalência na relação objetal com os progenitores.

Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo anaclítico de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido

¹ Há uma certa discussão com relação ao conceito de identificação primária, pois autores tal como Lacan postulam que este é um processo de introjeção das figuras parentais no ego do bebê, e, portanto, representa uma relação objetal, uma vez que se toma alguém como modelo.

de uma unificação da vida mental eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. (Freud, [1921] 1974: 133)

Freud faz uma distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso o pai é o que gostaríamos de ser, ou seja, o ego se molda de acordo com os aspectos daquele que foi tomado como modelo, ideal, assumindo, assim, as características do objeto. Já no segundo caso, o pai é o que gostaríamos de ter. Ou seja, parece haver uma busca infantil do ego em assimilar o que ele deseja ter, aniquilando, desta forma, o objeto.

Freud aponta essa identificação como um derivado da organização da libido na fase oral. Desde o início é possível perceber o caráter ambivalente da identificação. Ao mesmo tempo em que se revela uma expressão de carinho e admiração pelo objeto, manifesta-se um desejo de afastamento. Segundo o autor, o objeto que admiramos e com qual nos identificamos é por nós assimilado pela ingestão, sendo, portanto, aniquilado como tal, daí o caráter ambivalente. O devoramento é uma forma do ego incorporar esse objeto com o qual se identifica. No artigo “*Os Instintos e Suas Vicissitudes*”, Freud ([1915a] 1974) descreve a fase de incorporação ou devoramento como sendo a fase preliminar da finalidade sexual. O amor nessa fase preliminar ainda está misturado com o ódio em relação aos objetos, é somente após estabelecida a organização genital que o amor se torna o oposto do ódio. No entanto, o ódio é anterior ao sentimento de amor na medida em que ele provém de um repúdio primitivo do ego narcisista ao mundo externo.

O amor freqüentemente se manifesta como ambivalente, ou seja, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. Esse sentimento de ódio se origina das fases preliminares do amor não superadas, além de basear-se nas reações de repúdio das pulsões do ego, em virtude do conflito entre os interesses do ego e os do amor. Nesses casos, o ódio que se apresenta misturado ao sentimento de amor tem como fonte as pulsões de auto-preservação.

Em “*O Ego e o Id*”, Freud ([1923] 1974) afirma que na fase oral primitiva o investimento objetal e a identificação parecem estar misturados entre si, não há distinção entre eles. Deste modo, pai e mãe não se constituem ainda como valores separados e a identificação aparecerá de forma totalizante, com expressão de

ambivalência. O ego, ainda fraco, se assujeita às catexias objetais ou tenta desviá-las através da repressão.

A segunda modalidade da identificação seria uma identificação regressiva ou narcisista, uma vez que o ego identifica-se com o sintoma histérico do objeto. Ocorre uma vinculação do objeto através da introjeção de parte dele no ego. Não ocorre uma imitação da pessoa, mas de um sintoma da pessoa amada. No caso Dora por exemplo, Freud ([1905] 1974), aponta que, ao imitar a tosse do pai, Dora estava assumindo uma característica do objeto amado, ou seja, a identificação apareceu em decorrência da escolha de objeto. O objeto regride, então, ao ego. Não é uma identificação imediata e direta, como é o caso da identificação primária. Ocorre, portanto, uma identificação parcial, na qual apenas um traço da pessoa é tomado emprestado.

De acordo com Freud, há uma modificação no ego a partir dessas identificações decorrentes do Édipo. Esse traço isolado com o qual o sujeito de identifica serve de suporte através do deslocamento, na relação com o objeto.

Há ainda um terceiro caso, no qual a identificação se efetua na ausência de qualquer relação do objeto com a pessoa que está sendo copiada. O sujeito se liga a outra pessoa simplesmente por uma percepção de qualidade comum entre eles. O mecanismo é o de colocar-se em uma situação idêntica a do outro. Esse caso de identificação é mais comum entre membros de um grupo.

O grupo familiar é o lugar privilegiado como base do trabalho de transmissão psíquica. Aí ocorrem não só as mais significativas identificações, como também são geradas as diversas modalidades de representação e interpretação da herança recebida. A psicanálise demonstra que os vínculos sexuais dos primeiros anos da infância continuam atuantes, embora tenham sofrido repressão e estejam inconscientes. Um sentimento afetuoso, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de objeto completamente sensual com a imago dos pais.

No relacionamento amoroso é muito comum os parceiros se atraírem por determinados aspectos que desejariam ter do outro. Um relacionamento amoroso baseado na introjeção, teria um aspecto regressivo na medida em que o sujeito, através da identificação, desejaria ter o outro. O processo regressivo permite que, em tempos diferentes, um mesmo objeto possa ser objeto de investimento e de identificação. Neste caso, a identificação está no lugar da escolha objetual,

coincidindo com o objeto amoroso pelo mecanismo da introjeção. A identificação aparece como substituto de um objeto que teve que ser renunciado ou perdido. No entanto, este tipo de identificação não existe somente quando há uma perda real do objeto de investimento. Muitas vezes, ela é necessária como uma forma de manter o objeto dentro do ego quando este não estiver presente.

Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. (Freud, [1923] 1974: 43)

Na dinâmica da relação amorosa isso fica muito claro na medida em que, ao desligar-se de seus objetivos sexuais em relação ao objeto, o sujeito instala-o dentro de si. Freud ([1923] 1974) aponta esse movimento como uma possibilidade do sujeito abandonar seus objetos amados.

Quando um objeto é abandonado ocorre com frequência uma alteração no ego, pois esse objeto abandonado é introjetado pelo ego, assim como ocorre na melancolia. Talvez, sugere Freud, esta seja a única forma do Id abandonar seus objetos. Esse é um processo muito primitivo e, de acordo com o autor, podemos supor que *“o ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”* (Freud, [1923] 1974: 43). Ao ser abandonado ou perdido, o objeto é novamente criado dentro do ego, viabilizando um certo enriquecimento do mesmo com as propriedades desse objeto introjetado. No caso das relações amorosas, parece que é o ego que se empobrece, enquanto o objeto, por ser tão valorizado, consome o ego. De fato, projetamos no objeto tudo aquilo que gostaríamos de ter atingido; amamos por satisfação narcísica. Logo, não seria totalmente correto afirmarmos que o ego fica empobrecido durante o estado amoroso, uma vez que ele se vê recompensado pelo objeto. As perfeições que o ego atribui ao seu objeto amado são narcisicamente as perfeições que ele se atribuiu. É como se regressivamente a libido objetual se transformasse em libido narcísica, levando à conseqüente renúncia sexual. Ao assumir as características do objeto, o ego tenta compensar a perda do objeto mostrando-se como objeto de amor.

Quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: “Olhe, você também pode me amar, sou semelhante ao objeto”. (Freud, [1923] 1974: 44)

As consecutivas ausências e experiências de separação que o bebê sofre ao se deparar com a presença de um outro, no caso o pai, nessa diade mãe/bebê, acabam não só no abandono do objeto, ou seja, da mãe, como também em um retorno desse investimento no próprio corpo do bebê. É na seqüência de objetos investidos e abandonados no decorrer da vida que o ego vai se formando. Esses investimentos abandonados são substituídos por identificações. As primeiras, portanto, têm um efeito duradouro e ocorrem numa época em que o ego é ainda muito frágil. O crescimento e a constituição do ego se dão quando os investimentos objetais são abandonados e retidos através do processo de identificação.

Posteriormente, os investimentos objetais são descritos por Freud como originados do Id. Ele contém tudo que é herdado e se constitui como a mais antiga “*das localidades ou áreas de ação psíquica*” (Freud, [1938] 1974: 169). O Id seria a fonte da identificação primária que, inicialmente, se estabelece tanto com o pai como com a mãe. A princípio, o Id teria um objeto amoroso, com o qual o ego, para se constituir, se identifica, oferecendo-se ao Id no lugar desse objeto perdido, cujo traço foi introjetado no ego. A identificação será, desta forma, uma maneira encontrada pelo ego para driblar as imposições do Id. O objeto perdido no mundo externo ocupará um lugar no mundo interno. Estabelece-se, assim, uma alteração interna idêntica ao mecanismo regressivo da fase oral.

Ao se identificar com o objeto abandonado, o ego se oferece como objeto de investimento ao Id. A libido retorna ao ego, constituindo-o como objeto sexual. A partir de então, investimento e identificação se separam. Após um primeiro momento onde toda energia fica armazenada no ego (narcisismo primário), já é possível transformar essa libido narcísica em libido objetal (Freud, [1938] 1974).

Freud dá ênfase aos efeitos duradouros das primeiras identificações que ocorrem na mais primitiva infância. Por trás da origem do ideal do ego está a mais importante identificação de um sujeito, a sua identificação com os pais: “*trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto*” (Freud, [1923] 1974: 45). Acrescenta ainda que as

escolhas objetais, que pertencem a esse primeiro período sexual e que se relacionam aos pais, normalmente, correspondem a uma identificação desse tipo, que assim reforça a primária.

No Édipo, o sujeito tem como possibilidade identificatória não mais os pais indiferenciados, mas dois lugares distintos como efeito da existência de ambos os pais. Neste momento, já ocorre a distinção entre investimento e identificação, visto que na escolha do pai ou da mãe como objeto de identificação aparece o outro genitor como objeto amoroso de investimento libidinal. Ou seja, o objeto de identificação e o de investimento libidinal ocupam pólos opostos.

Ao se repetirem com freqüência e intensidade, as experiências do ego transformam-se em experiências do Id. Desta forma, podemos supor que no Id estão resíduos das existências de infindáveis egos, e quando o ego forma o superego a partir do Id pode-se estar revivendo antigos egos. Diante de certas escolhas do Id, o superego não se apresenta somente apontando um modelo de ideal a ser seguido, mas também proíbe e interdita: “*you must be like your father, but you cannot do what he does*” (Freud, [1923] 1974: 49). Podemos dizer que a identificação tem, em última instância, uma função de acalmar os impulsos advindos do Id.

Desta forma, podemos concluir que o ego é formado, em grande parte, de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo Id, e que as primeiras identificações permanecem à parte do ego sob a forma de um superego. Este tem sua origem nas transformações dos primeiros investimentos do Id.

As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante freqüência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos ressuscitando-as. (Freud, [1923] 1974: 53)

A instauração do superego, que traz o modelo e a proibição, surge da necessidade do ego recalcar os impulsos originários do Édipo. Não é à toa que Freud escreve que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, e sua instalação está associada às identificações com as instâncias parentais ao final do Édipo, em decorrência da renúncia aos investimentos que depositou nos pais. O autor afirma

ainda que tais identificações e a cristalização de catexias objetais que tiveram que ser renunciadas vão se repetir, algumas vezes, no decorrer da vida da criança. De acordo com Freud, a relação do superego com as posteriores alterações no ego é muito semelhante à da fase sexual primária da infância com a posterior vida sexual do adulto. Ou seja, embora haja outras questões que permeiam, ou ainda vão permear determinados aspectos, há uma preservação daquilo que foi dado e adquirido pela derivação do complexo de Édipo.

De acordo com Freud ([1933] 1974), o superego tem como funções a auto-observação, a consciência e a manutenção de um ideal. É a partir de um referencial externo que a criança vai criando para si aquilo que pode ou não fazer. Neste sentido, o autor o define como “*o advogado de um esforço tendente à perfeição é, em resumo, tudo o que podemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem*” (Freud, [1933] 1974: 86). O superego seria, então, constituído a partir do modelo do superego dos pais como “*veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração para geração*” (Freud, [1933] 1974: 87).

Vale ressaltar que, embora a vida psíquica do bebê se desenvolva através da vida psíquica de seus pais e seus ascendentes, isto não anula a singularidade de cada sujeito, no sentido de que as crianças farão suas próprias escolhas e influenciarão os pais com características que lhes são próprias.

Gabriela é uma moça de 20 anos e procurou atendimento há mais ou menos 2 anos queixando-se de um “medo de mudanças”. Seus pais separaram-se quando ela tinha aproximadamente 6 anos, o pai saiu de casa e ela ficou com a mãe e o irmão. Nada lhe foi dito a respeito dessa separação, esperava sempre um dia que seu pai voltasse. Mais tarde percebeu que isso não aconteceria, embora a mãe a responsabilizasse, juntamente com o irmão, por uma possível reconciliação com o pai. Gabriela tinha a função de unir novamente seus pais, tarefa árdua e cruel para uma criança. Sua mãe nunca trabalhou e vivia às custas do pai. Gabriela sempre disse que iria ter sua estabilidade financeira para depois casar-se. Acontece que, por mais que pretendesse isso, parecia estar amarrada e identificada nesta posição da mãe. Esta casara-se com seu pai por conta da estabilidade financeira que ele lhe daria. Gabriela, por sua vez, tinha um namorado de quem dizia gostar muito, embora sempre relatasse se “anular para ficar com ele”,

dizendo que não estava sendo ela. Ao mesmo tempo, ela se dizia segura por estar ao lado de alguém que possuía uma certa estabilidade financeira. Acreditava que ele deveria pagar as idas aos cinemas e até sua pílula anticoncepcional, afinal ele trabalhava e ela estava apenas estudando. Esse era o modelo que teve em casa, repetia-o, então, na relação com o namorado, apesar de sempre afirmar sua busca por uma independência financeira. Mas de quem verdadeiramente era este desejo, seu ou da mãe? Apesar de dizer que procurava justamente o oposto da mãe, estava identificada com ela, em uma posição passiva em troca de estabilidade. Estar identificada com a posição da mãe era uma forma de atrair para si um objeto amoroso semelhante ao pai. Mais tarde, quando Gabriela se vê tendo que escolher entre este namorado e um outro rapaz, com quem diz ter uma boa relação e se divertir como nunca havia se divertido antes, a paciente sente-se confusa. “Minha mãe diz que devo ficar com o Márcio (o namorado) pois ele tem uma situação mais estável... Mas sinto que o namoro com o Antônio pode ser muito bom, sempre conversamos muito, já tínhamos uma relação de amizade antes e além do mais o beijo dele é muito bom... Não quero ser como minha mãe que nunca estudou ou trabalhou e ficava com meu pai porque ele dava para ela essa estabilidade. Sempre sonhei em ter minha profissão, morar sozinha e aí sim casar. Mas estava indo de encontro com o que sempre quis”.

2.3

Projeção no relacionamento amoroso

Não discutirei aqui o conceito de projeção² para Freud, mas sim como ele pode nos ajudar a compreender o jogo inconsciente da dinâmica amorosa. O mecanismo projetivo tem um papel importante no que diz respeito à diferenciação entre sujeito e mundo externo. Ocorre uma externalização de um processo interno, o que indica uma “falha” na elaboração psíquica. Aquilo que não reconhecemos em nós é jogado para o outro. Isto nos remete ao narcisismo estrutural de todos nós, onde “sua majestade o bebê” é coberto de todas as perfeições.

² O termo foi utilizado por Freud para definir o mecanismo da paranóia. Mais tarde, porém, foi retomado para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose e à perversão, pelo qual o sujeito projeta no outro ou no objeto sentimentos e desejos que ele recusa em si.

Nas relações amorosas é comum os parceiros descobrirem ter tido experiências semelhantes na infância, o que nos permite supor que há um reconhecimento inicialmente inconsciente de que o parceiro tenha condição de resolver as dificuldades do outro ou atender às suas necessidades contraditórias. Ao assumir as características que o outro reprime em si mesmo, o parceiro está indiretamente gratificando o outro, ainda que sofra críticas. Em geral, os complexos são inconscientes e assim permanecem na medida em que os projetamos para fora de nós.

Apesar de, conscientemente, a união de duas pessoas não estar relacionada com uma tentativa de resolução de conflitos, isto freqüentemente acontece. A resolução destes está inevitavelmente ligada à obtenção da felicidade, assim como está, para a maioria das pessoas, a união matrimonial. Ao constatar no outro características que em si não foi capaz de resolver, este outro, passa a ser o continente das dificuldades de seu parceiro. O que está recalcado em um é expresso pelo outro de modo defensivo. Desta forma, revive-se determinados sentimentos regressivos com o cônjuge que podem levar a uma experiência atual e à conseqüente retificação ou não da situação de frustração anterior.

Por conseguinte, a escolha do parceiro não se faz completamente ao acaso. O inconsciente individual é, de algum modo utilizado. Esta escolha terá um valor semelhante ao da formação de compromissos inconscientes, como o sintoma ou o lapso. Comportará um alívio econômico e agirá freqüentemente como um mecanismo defensivo. Podemos estimar, então, a importância desta escolha para a consolidação e a organização inconsciente do casal, os dois parceiros entrecruzam objetos inconscientes; a relação sentimental se alimenta desta descoberta de um parceiro que, como escreve Freud (1905), é uma redescoberta e ao mesmo tempo um resultado do amor infantil. (Eiguer, 1983: 31)

Os desejos e sentimentos recalcados, que portanto não podem ser realizados, envolvem muitas vezes uma outra pessoa. A projeção é o mecanismo que viabiliza colocar esses sentimentos para fora, como se não fizessem parte de si, mas do outro. É um mecanismo bastante primitivo no qual atribuímos aos outros a causa de nossos sentimentos e desejos. O processo de projeção não é exclusivo do relacionamento conjugal, ele ocorre em todo tipo de relacionamento, principalmente naqueles em que o laço afetivo é muito forte. O casamento é, desta forma, um terreno fértil para verificar-se esse fenômeno.

Almeida Prado (2000) concorda que as motivações que levam as pessoas ao casamento e que as mantêm nele, são em grande parte inconscientes. Além disso, dá ênfase ao funcionamento mental inconsciente de lutar contra desejos reprimidos ou sentimentos dolorosos através de recursos projetivos. Muitas vezes o sujeito é incapaz de lidar com certos aspectos internos, o que o leva a projetá-los no outro, isso ocorre freqüentemente no grupo familiar. Laing, citado pela autora acima, diz que cada parceiro luta para encontrar no outro, ou ainda o induz a tornar-se a própria incorporação do seu desejo.

O mecanismo projetivo vale tanto para os aspectos positivos quanto para os negativos. Ao projetar no outro um determinado objeto interno, forma-se com ele um “vínculo fictício” (Pichon-Rivière, [1980] 1998). Este vínculo é assim chamado na medida em que o sujeito está colocando características internas suas no outro. Portanto, não é uma relação com o sujeito, mas com a fantasia que se faz dele. Podemos dizer que sempre há um engano quando se está apaixonado, na medida em que a paixão está relacionada com uma imagem que projetamos no outro. Isso pode levar a algumas complicações para o casal, uma vez que o indivíduo se casa com alguém que ele supunha conhecer. Acaba por não se dar conta de que, na realidade, seu parceiro está impregnado de desejos e expectativas que ele projetou, e que fazem parte dele, não do parceiro.

Podemos dizer que o uso do mecanismo projetivo não é somente uma tentativa de livrar-se de sentimentos indesejáveis. Por estarem sendo vividos pela pessoa amada, muitas vezes, acabam minimizados ou até perdendo a ansiedade que costumavam causar. Ou seja, o outro torna possível manter contato com alguns sentimentos e aspectos do sujeito que só podem ser aceitos no parceiro e não podem ser expressos diretamente pelo sujeito. Entretanto, pode acontecer também de certos aspectos assustadores, tais como agressividade, inveja e depressão, ao serem projetados e expressos pelo outro, serem condenados e atacados.

2.4

O ideal da paixão

Em 1914a (1974), Freud nos diz que inicialmente a criança era seu próprio ideal. No entanto, é preciso que ela renuncie a essa onipotência, característica de um narcisismo infantil, para que possibilite o surgimento de um outro ideal. Essa renúncia se faz presente pela ação da repressão, ou seja, ela é produto das proibições das figuras parentais.

Ao descobrir nos pais seu primeiro objeto de amor e ter que renunciar a ele em virtude do interdito incestuoso, a criança se vê obrigada a modificar seus desejos sexuais em relação aos pais, transformando-os em sentimentos afetuosos. Ou seja, ela permanece ligada aos pais mas por desejos que foram inibidos em seus objetivos. No entanto, sabe-se que esses desejos inibidos acabam por permanecer de alguma forma no inconsciente.

Em um primeiro momento da escolha amorosa há uma tentativa de negar a interdição edípica. Há uma tendência ao caminho do narcisismo, da identificação fusionada com o outro. Desta forma, através da idealização, o sujeito busca aproximar ao máximo o objeto eleito do objeto original. Devido à barreira contra o incesto, a criança não pode escolher como objetos sexuais seus pais e vai permanecer, na puberdade, na fantasia em relação à escolha do objeto, fantasia esta que reinstaura os impulsos infantis pelos pais. É na puberdade que se estabelece a primazia das zonas genitais. O processo da busca de um objeto, que se iniciou na infância a partir da relação com a mãe, parece agora se completar, na medida em que é nesta fase que se reinicia uma busca de reencontro do objeto.

Podemos dizer, assim, que a paixão proporciona o despertar de sentimentos infantis, tal como o forte desejo de ser amado e desejado por um ser idealizado: a mãe. Lejarra (2000) conclui que o ato de sugar o seio materno seria paradigma do amor. De acordo com a autora, a mãe deposita no bebê toda sua devoção e investimento exclusivo no momento da amamentação. O bebê, por sua vez, obtém um prazer sexual oral além de satisfazer sua necessidade e se sentir cuidado, protegido e amado pela mãe. O amor envolve, necessariamente, uma relação com o outro, inicialmente a mãe. Ela constitui uma imagem de um ser desvalido que proporciona ao bebê um cuidado amoroso, que, momentaneamente, o completa e o livra do sentimento de desamparo.

O campo da paixão aparece como uma possibilidade, ainda que ilusória, de estabelecer com o parceiro o mesmo vínculo sentimental antes experimentado com a figura materna. É também, ao mesmo tempo, uma tentativa de atenuar o fantasma da castração. Nessa época remota não havia a falta desse outro idealizado porque a vivência de completude não permitia o aparecimento desse vazio e, conseqüentemente, não criava o desconforto da incompletude.

...Freud entende que se idealiza o que cumpre a condição infantil do amor. Em que consiste essa condição? Podemos dizer que se refere à situação infantil em que o outro cuida de mim, me ama sem condições, me reconhece como perfeito, sustentando minha onipotência narcísica. Na condição infantil do amor, o outro é o “objeto complementar” de meu próprio narcisismo, sem o qual a ilusão narcísica desmorona. Idealizar, no apaixonamento, alguém que cumpra essa condição, significa, ao nosso ver, imaginar que o outro me completa, me faz sentir pleno, alimenta minha onipotência e minha grandiosidade. (Lejarra, 2000: 93)

Segundo Bleichmar (1985), o ideal constitui-se no momento em que o outro deixa de ser um admirador incondicional que oferece ao sujeito a vivência de perfeição e passa a exigir dele a adequação a certas normas. Estas seriam, então, os ideais do sujeito, que agora precisa cumpri-las e se adequar a elas para que seja admirado. É justamente quando não mais ocorre essa admiração incondicional, justificada pelo afastamento do sujeito de determinadas qualidades esperadas, que a dimensão do ideal é criada. Ou seja, a partir do momento em que o ideal do ego se instaura o sujeito se vê marcado por um ideal que lhe ultrapassa.

O ideal forma-se assim pela desilusão dos pais com respeito à criança, que trata de ganhar novamente a admiração desses através de seu ajuste à unidade de medida com que a julgam. (Bleichmar, 1985: 51)

Neste sentido é clara a posição de Freud quando nos diz que, através do ideal, há uma tentativa de se resgatar o narcisismo infantil. O ideal seria a meta a ser alcançada que possibilitaria o retorno desse momento de perfeição e completude. Neste sentido, pensamos no “sentimento oceânico” descrito por Freud em *“O Mal Estar da Civilização”* ([1929] 1974), que pode ser compreendido como um sentimento de eternidade, de algo ilimitado e sem fronteiras, algo semelhante à redescoberta de um amor infantil.

A idealização que inicialmente surge na escolha amorosa, seja pela identificação, seja pela paixão, desconhece parte da realidade. De acordo com Freud ([1921] 1974), identificação difere do sentimento de estar apaixonado. Enquanto que na primeira o ego se enriquece com as qualidades do objeto através da introjeção, na segunda o ego se entrega totalmente a este objeto de amor, ficando, portanto, empobrecido.

O apaixonado cria um campo ilusório a partir do qual está sempre disposto a aceitar qualquer coisa, desde que o possibilite alcançar a satisfação dos impulsos emocionais mais antigos. Essa ilusão de um reencontro promove a negação de que os objetos que um dia trouxeram satisfação tenham sido perdidos.

Na paixão há uma ameaça de fazer desaparecer a fronteira entre o eu e o outro, o que revela uma primitiva exigência narcísica na qual os dois sujeitos participam de uma simbiose e parecem querer viver como uma unidade, e não como dois sujeitos diferentes. Cada um vive o desejo de se fundir com seu amado a fim de que os dois sejam um só. Podemos dizer que o estar apaixonado pode ser identificado como uma reação emocional à perda do objeto, proporcionando, assim, uma ilusão de que o sujeito pode se livrar da ferida narcísica, imaginando que o objeto foi reencontrado e que não é mais necessário separar-se dele. Talvez pudéssemos dizer que, em última instância, a finalidade das escolhas amorosas seria a obtenção de satisfação narcísica, transformando o encontro amoroso nessa tentativa de recuperação de um estado de narcisismo primário.

No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que eu e tu são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato. (Freud, [1930] 1974: 83)

Isto parece ocorrer no caso de uma paciente que me procurou com a queixa de que estava muito triste e infeliz no casamento. Joana é casada há 20 anos e se queixa da distância física e emocional do marido. Relata que quer ficar “grudada” nele e gostaria de encontrar nele e nos filhos “o fio terra para carregar suas energias”. Em vários momentos fala de como ela e o marido pareciam ser o casal perfeito, acreditava ter encontrado a “metade de sua laranja”. Ela diz, muito emocionada, em uma das sessões, que daria sua vida pelo amor do marido. “Tenho que pedir a toda hora um beijo, um abraço, me humilho fazendo isso...

preciso saber dele o que está acontecendo... Tenho ciúmes e inveja quando ele abraça nossos filhos dizendo que os ama...” Em uma das sessões, Joana chega aparentando estar muito triste e diz: “acabou, estou sem o meu chão”. O marido havia dado um ponto final na relação e ela, muito magoada, parecia ter perdido uma parte dela. Falava: “Meu mundinho era esse. O que farei com os meus sentimentos? Meu marido era minha bengala, me apoiava nele para tomar minhas decisões. Sem ele me sinto como se estivesse sem um braço ou uma perna, me sinto incompleta”. É justamente para esse ideal de completude, de querer ficar grudada e ser apenas um só, que chamamos atenção neste capítulo. Joana parece se satisfazer nessa relação dual e complementar com o marido. Até mesmo os filhos seriam uma ameaça para a relação. Em um momento diz que não quer ter uma aliança eterna com o marido somente através dos filhos, quer uma aliança eterna entre homem e mulher, e relembra a promessa que fizeram na cerimônia religiosa do casamento.

Se tomarmos o Édipo como referência, veremos que a constituição do sujeito participa dessa exigência narcísica, onde querer fazer um é querer ser único para a mãe. No entanto, é fundamental para o crescimento dessa criança que a mãe tenha outros interesses que não somente seu filho, abrindo espaço para o pai.

Pode-se observar a característica de supervalorizar a pessoa amada, e de considera-la como única e insubstituível, por recair, também naturalmente no contexto da experiência da criança, pois ninguém possui mais de uma mãe, e a relação com ela baseia-se em um acontecimento que não pode ser exposto a qualquer dúvida e nem pode ser repetido. (Freud, [1910] 1974: 153)

O apaixonado é um sujeito em júbilo, mas seu esvaziamento é tanto que só é possível estar preenchido na presença de seu objeto de paixão. Ou seja, ele vive no outro. Quando seu objeto de paixão se aproxima, o ego do apaixonado se ilumina como se neste momento estivesse recebendo seu próprio ego através de seu objeto de paixão. É como se o amor desse sujeito idealizado tornasse legítimo o amor do indivíduo por ele mesmo. Estar apaixonado seria fazer do objeto eleito um ideal por quem podemos ser amados. Segundo Bezerra Barros (1991), a paixão é uma relação imaginária onde o amado é aquilo que seu amante imagina.

De acordo com Birman (1999), podemos pensar no amado como aquele que permanece na posição de “sua majestade o bebê”, a quem todos os votos de superioridade lhe são merecidos. Já o amante tem como objetivo fazer crer que seu amado realmente ocupa essa posição. Desta forma, pensamos no amado como aquele que deseja reaver seu ego ideal e ser banhado pelo narcisismo primário, no qual o bebê acredita ser tudo para os pais.

O indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor da outra pessoa por ele. Sob todos esses aspectos, a auto-estima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor. (Freud, [1914a] 1974: 116)

Desde sua origem, o sujeito se depara com a ilusão de ser completo ou perfeito e, posteriormente, com a ilusão de encontrar no outro essa completude. Como se cada um de nós fosse uma metade em busca do seu todo. Em 1905 (1974), em seu artigo intitulado “*Três Ensaios Sobre a Sexualidade*” Freud escreve:

O conceito popular do instinto sexual é refletido na lenda, cheia de poesia, segundo a qual os primeiros seres humanos foram divididos em duas metades – o homem e a mulher - que estão, eternamente, procurando, novamente, se unir pelo amor. (Freud, [1905] 1974: 136)

Para a psicanálise, é na relação com a mãe que a criança experiencia a ilusão de completude. A relação mãe/bebê é marcada pelo drama da separação, assim como pela impossibilidade dos reencontros de completude.

Essa tendência de, de dois, na relação amorosa, fazer um, e que poderíamos chamar de amor-paixão, revela a essência narcísica do amor, onde querer fazer um é querer ser único. A relação com o objeto único (a mãe) é a primeira relação objetual investida de narcisismo primário, é um vínculo com um outro ilusoriamente perfeito no início da vida. Todos nós temos dificuldade em abandonar as vias de satisfação que experienciamos nesta relação inicial. A busca do ideal pode ser, desta forma, compreendida como uma tentativa de preservarmos algo dessa perfeição narcísica da infância.

A paixão amorosa é resultado da repressão de fatos da infância que retornam com forte atração por uma figura que se associa de alguma forma a estes fatos. Trata-se de um reencontro com um objeto que remete o apaixonado a certas

experiências infantis. O apaixonamento, como reação emocional à perda de um objeto, proporciona a ilusão de que o indivíduo pode se livrar da ferida narcísica, imaginando que esse objeto perdido fora encontrado. O aspecto regressivo aí presente nos indica uma intenção em se retornar à identidade primária, tentando descobrir o outro como objeto inseparável. Mas o que nos move é a certeza da incompletude e, por outro lado, a crença da completude.

O objeto da identificação e da paixão é, desta forma, fortemente marcado pelo ideal narcísico de perfeição. O objeto apaixonado é tratado da mesma forma que o próprio ego. A idealização é, segundo Freud ([1914] 1974), um processo pelo qual o objeto é engrandecido e exaltado na mente do sujeito. O objeto eleito existe tanto fora como dentro de nós, sob a espécie de uma presença fantasiada, imaginária. Quem ama projeta no outro uma série de idealizações que correspondem somente às suas próprias expectativas. O amado é uma parte de nós mesmos que denominamos de “fantasia inconsciente” (Nasio, 1996).

O objeto amado é supervalorizado, livre de críticas e julgamentos. Essa idealização aponta para uma busca de união entre o ego e a pessoa amada. A finalidade dessa supervalorização parece ser encontrar a plenitude, outrora vivida, na busca do amor no outro. Freud acrescenta ainda que em muitas formas de escolha amorosa fica claro que a pessoa amada serve como substituta para algo que não fomos capazes de atingir. Os valores do objeto passam a ser os valores ideais que o ego quer para si neste encontro amoroso. O objeto é colocado no lugar do ideal do ego.

...Nós o amamos por causa das imperfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (Freud, [1921] 1974: 143)

É certo que toda experiência de encontro desperta nossa imaginação, especialmente porque tudo aquilo que é novo, estranho, nos possibilita imaginar, sonhar, enfim, fazer uma série de suposições que na maior parte das vezes estão muito distantes da realidade. Há aí uma ponte entre a nossa própria realidade psíquica e a do outro, o que pode ser explicado através de mecanismos de introjeção-projeção. É bem possível que as características supervalorizadas do parceiro não passem de meras projeções e antecipações das fantasias do outro. O

objetivo inconsciente da escolha amorosa é, em muitos casos, transformar um passado vivo e, às vezes, doloroso.

O ego traz para dentro de si o objeto amado. Essa incorporação não se refere somente ao objeto perdido. A identificação do estado amoroso é uma forma do ego assimilar completamente o objeto do ideal, é uma identificação que não anula o objeto.

Há uma tendência de nos afastarmos da realidade, de nos tornarmos independentes do mundo externo, e de buscarmos uma satisfação maior na intensidade do nosso mundo interno e em vivências passadas.

No discurso de Aristófanes, em “*O Banquete*” de Platão, o mito relativo à origem do homem nos é descrito a partir da androgenia. A natureza humana se apresentaria a partir de três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Este último era um “*gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino*”.

Na origem, os homens eram dotados de órgãos duplos. Eram extremamente ágeis e ousados. De tanta ousadia, que resolveram, certa vez, atacar o próprio Olimpo. Os deuses, enfurecidos, resolveram vingar-se e os homens foram separados em duas metades. O amor nasceu daí; é a eterna procura, o eterno desejo que os homens sentem de procurar a outra metade que um dia perderam. (Platão, 1972: 116)

De acordo com o mito, a paixão tende a reconstituir a antiga natureza, procurando de dois fazer um só. Essa concepção se origina na crença de que fomos divididos em dois e só encontraremos felicidade no encontro dessa outra metade, como se fôssemos fundidos um no outro.

O estado de paixão reflete um superinvestimento no objeto eleito que permanece enquanto o teste da realidade não promove uma certa desidealização do eleito. Embora a idealização seja uma tentativa de reviver uma experiência de satisfação da infância, sabemos que essa satisfação, tal qual foi, não acontece novamente. Isso provoca uma ruptura da situação fusional. Ocorre uma busca, através de fantasias e ilusões, de se alcançar a satisfação completa. A morte dessa ilusão reflete o momento de perda narcísica, uma vez que é preciso aceitar a perda do objeto primeiro e amar o substituto. De acordo com Almeida Prado (2000), o luto fundamental diz respeito a um processo de desilusão, separação e, conseqüentemente, de individuação, que será permanente. O luto fundamental se

refere à separação dessa fusão mãe/bebê e na perda da ilusão de onipotência, o que vai futuramente possibilitar o sujeito a enfrentar outras perdas.

Há uma perspectiva de evitar a frustração nesse novo encontro. Os antigos impulsos se intensificam e permanecem unificados em torno do objeto. A necessidade do fenômeno de supervalorização está nesse deslocamento da libido narcísica para o objeto, tratando-o como se fosse nós mesmos.

Podemos afirmar que, na realidade, a idealização é uma forma indireta pela qual o sujeito, através do seu objeto de investimento, pode encontrar satisfação narcísica. Os valores do objeto são os valores ideais que o ego quer para si neste encontro amoroso. O objeto idealizado é, desta forma, assimilado pelo ideal do ego, tornado necessário que a outra parte do ego procure se comportar de acordo com esse modelo de virtude, com o qual o ideal do ego está identificado.

Vale ressaltar, contudo, que toda relação emocional entre duas pessoas contém um sentimento de hostilidade que muitas vezes escapa em consequência do recalque. Em princípio, a diferença é algo que não pode ser tolerado. Freud nos diz que os sentimentos de hostilidade provêm do narcisismo, na medida em que as diferenças marcadas pela relação com o outro fazem com que o sujeito sinta a crítica como algo insuportável – ferida narcísica.

Podemos concluir este capítulo afirmando que esta idealização é, muitas vezes, condição necessária para uma relação se estabelecer. Espera-se, contudo, que o tempo possa desmitificar essa idealização. A paixão amorosa, dada a impossibilidade de sustentar a fantasia do ideal, possui um caráter transitório e tende sempre para a transformação, seja esta qual for. Um dos destinos possíveis da paixão é o amor. Contudo, essa transformação que poderíamos supor ser a mais adequada, implica em uma experiência de frustração. Sentimento de não se atingir a plenitude, a onipotência narcísica. O fascínio do ideal perde o brilho inicial e os limites do objeto começam a aparecer. Freud nos diz em seu texto “*Sobre a Transitoriedade*” ([1915b] 1974), que, apesar da nossa exigência em relação à imortalidade, temos que enfrentar a realidade e nos depararmos com um limite que esbarra no nosso desejo.

...Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobrevivesse o inverno, como toda a beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria

amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade. (Freud, [1915b] 1974: 345)

3

Passado e presente, o que se repete e se constrói nas relações amorosas

3.1

Repetição e Édipo nas relações amorosas

Neste item pretendemos questionar a possibilidade ou não de se escapar da repetição do reencontro no campo do amor. O que se repete? Repete-se justamente aquilo que é único, singular, e que, através de disfarces, se apresenta novamente ao sujeito, buscando dar um significado a algo do passado. No entanto, esses disfarces permanecem misturados sem nos dar uma direção no sentido de encontrarmos esse primeiro elemento que precisou ser disfarçado. Como diz Deleuze: “... *nessa série de travestimentos não encontramos o travesti desnudo que seria o primeiro elemento dessa série*” (Deleuze, citado por Garcia Roza, 1986: 45).

Isso nos remete à experiência de Freud com a teoria do trauma. Ele supunha a existência de um fato traumático, um acontecimento original cujos efeitos seriam os sintomas neuróticos. Desta forma, a cena traumática seria a causa de toda uma série de problemas e sua descoberta estaria ligada à resolução dos mesmos. A hipnose tinha como objetivo eliminar os sintomas através da recordação do elemento causador da neurose, como se cada sintoma fosse uma máscara, que por trás escondia um acontecimento real. Neste momento, Freud pensava que o esquecimento ocultava a verdade da doença e a hipnose era utilizada como recurso para se atingir o fato traumático.

A célebre frase de Freud, em que ele nos diz não acreditar mais nas suas históricas, deixa claro o caráter fantasioso das cenas traumáticas. Deixa de haver a busca por uma causa, como se existisse um começo de tudo. Não há uma única causa para o sintoma, ele aparece como efeito de uma série de fatores desencadeantes.

A psicanálise nos indica que a repetição constitui um jogo interminável da ligação de Eros (pulsão de vida) com um passado reencontrado. A pulsão de vida vai se referir ao esforço para manter e tolerar o desejo, já a pulsão de morte tem como característica o retorno ao estado anterior. Esse retorno é a repetição. Freud ([1919] 1974) afirma o caráter conservador da pulsão na medida em que fala de resistência à mudança e repetição do mesmo.

Podemos dizer que repetimos um encontro amoroso que fora mascarado por conta de uma interdição. Na realidade, essa interdição é constituinte do sujeito, pois se a intervenção paterna falha, a criança permanece como desejo da mãe. Desta forma, não haveria espaço para o desenvolvimento dessa criança, já que não haveria lugar para o seu desejo.

As primeiras relações entre o bebê e seus pais fundamentam a constituição do psiquismo. As relações que o indivíduo estabelece posteriormente são marcadas por essa experiência. Ninguém perde inteiramente as necessidades que um dia experimentou através do relacionamento com a mãe. Elas persistem e acabam por favorecer a repetição de certos padrões de relacionamento cuja origem está na infância.

...todas as pessoas tendem a padrões repetitivos de relacionamento, que são motivados pela persistência dos desejos numa forma de fantasia inconsciente e derivados da forma como as primeiras necessidades foram satisfeitas. Muitas vezes, no casamento, o aspecto repetitivo da seqüência da escolha é impressionantemente literal, como, por exemplo, quando uma mulher cuja infância foi prejudicada por um pai alcoólatra acaba casando com um alcoólatra, divorcia-se dele e novamente repete a situação...(Pincus & Dare, [1978] 1987: 41)

Os parceiros firmam pactos e acordos inconscientes que provêm, principalmente, dos relacionamentos da infância. Os sentimentos dessa fase são, muitas vezes, reativados, tornando-se evidentes na vida emocional do sujeito. A escolha do objeto amoroso está intimamente ligada às experiências vividas neste período, daí muitas vezes ser clara a reprodução de certos protótipos infantis.

Em seu artigo *“Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”*, Freud ([1905] 1974) diz que o encontro do objeto na puberdade tende a restabelecer uma relação originária; a da primeira experiência de satisfação – sugar o seio materno. O autor articula essa primeira experiência de satisfação com a relação amorosa. Tanto uma como a outra, convergem, seja na figura da mãe, seja na figura do

parceiro, para um modelo anaclítico de ligação (já citado anteriormente). O amor descrito desta maneira, não é efeito somente de uma satisfação sexual, da excitação e do prazer proporcionado pela zona erógena, mas se apoia nos cuidados do outro, na satisfação da necessidade. Podemos dizer, então, que a imagem do vínculo amoroso não depende somente dessa via de satisfação pela oralidade, mas, também, do cuidado, da proteção e segurança que o filho recebe dessa mãe.

É comum percebermos uma certa reciprocidade e complementaridade das necessidades, anseios e medos da vida conjugal. Os parceiros são, muitas vezes, escolhidos nos modelos da imago parental e, com isso, atraem para si a afeição que se ligava aos mais primitivos objetos.

Mesmo uma pessoa que tenha tido a felicidade de evitar uma fixação incestuosa de sua libido não escapa inteiramente à sua influência. Frequentemente ocorre que um jovem se apaixona seriamente pela primeira vez por uma mulher madura, ou uma jovem por um homem de idade que desfrute de posição de autoridade: isto é claramente um eco da fase de desenvolvimento que vimos discutindo, já que essas figuras são capazes de reanimar retratos de sua mãe ou pai. Não pode haver dúvidas de que toda e qualquer escolha de objeto se baseia, embora menos intimamente, nestes protótipos. O homem especialmente procura alguém que possa representar o retrato que faz de sua mãe, do modo que predominou em sua mente desde a primeira infância... (Freud, [1905] 1974: 235; grifo nosso)

O complexo de Édipo é para Freud “*o complexo nuclear das neuroses*” (Freud, [1905] 1974: 233). De acordo com o autor, ele representa o ponto alto da sexualidade infantil, que através de seus efeitos posteriores é de extrema importância para a sexualidade do adulto. Em “*Totem e Tabu*”, Freud ([1913] 1974) afirma que os neuróticos ou não foram capazes de libertarem-se totalmente das condições incestuosas da infância, ou regridem para esta fase. Portanto, as fixações incestuosas da libido se presentificam ou permanecem desempenhando grande força no inconsciente dessas pessoas.

Baseado no fato de que a paixão consiste em novas edições de antigas características e, conseqüentemente, repetição de reações infantis, faremos uso do conceito de transferência, embora saibamos que é um conceito utilizado por Freud ao fazer referência à técnica psicanalítica. Certamente, o enquadre analítico e a técnica aumentam consideravelmente o surgimento de certos aspectos regressivos no fenômeno transferencial. No entanto, utilizaremos tal conceito para falarmos da situação amorosa.

Marta casou-se após ter cumprido a promessa que fizera ao pai quando este estava no leito de morte. Disse-lhe que venceria na vida, que iria conseguir tudo aquilo que ele não pôde dar para a família. Ela diz ter vencido na vida e só ter se casado após ter cumprido sua promessa de cuidar de seus irmãos (só se casou após todos eles estarem casados). Seu pai era “mulherengo”, enquanto que a mãe, era “submissa”. Marta casou-se com um rapaz que dizia não amar. Hoje diz que ama esse marido e ele, por sua vez, diz que o que ela sente por ele é uma “obsessão”. O que marca essa escolha é que ela se queixa do marido ter amantes e diz que só descobriu que o amava a partir do momento em que desconfiou dele. Ao falar disso, diz: “parece um segmento né?” Ela repete a cena familiar da mulher que ama o marido que trai, talvez, pudéssemos dizer que, indiretamente, ela se identificou com a mãe e escolheu um objeto de amor semelhante ao pai (ter amantes) e somente quando descobriu essa semelhança pôde se entregar para esse marido-pai.

Segundo Freud, toda libido é de transferência na medida em que ela tem que se deslocar de um objeto interdito para outro a que se pode chegar. O conceito de transferência implica em uma repetição de impulsos, sentimentos e fantasias que estiveram ligadas a pessoas importantes da primeira infância e que, inconscientemente, sofrem um deslocamento. Cada sujeito tem um modo de se relacionar que é quase como um estereótipo, constantemente repetido ao longo da vida.

O que fica evidente na teoria freudiana é a concepção do amor como repetição, tentativa de reencontro com um objeto que é sempre substituto do objeto originário, perdido desde sempre. (Freitas, 1998: 8)

De acordo com Lagache (1990), o amor de transferência é uma repetição, assim como o é o amor fora do campo transferencial. Para o autor, não existe amor que não reproduza protótipos infantis. Toda paixão consiste em novas edições de antigas características e, como tal, repetição de reações infantis, o que evidencia o aspecto essencial de todo relacionamento amoroso. Tais elementos dão ao amor-paixão um caráter compulsivo, que é mais repetitivo e menos ajustado que o amor normal.

Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis. É precisamente desta determinação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo, beirando, como o faz, o patológico. O amor transferencial possui talvez um grau menor de liberdade do que o amor que aparece na vida comum e é chamado de normal; ele exhibe sua dependência do padrão infantil mais claramente e é menos adaptável e capaz de modificação; mas isso é tudo, e não é essencial. (Freud, [1912] 1974: 218)

Para Freud ([1914a] 1974), o que repetimos é o complexo de Édipo e o trauma da castração. Os padrões repetitivos de relacionamento parecem derivar-se do tempo em que a criança percebe a intensidade de seus sentimentos com relação aos pais. O que fica é um laço afetuoso que se constitui no substituto dos vínculos sexuais dos primeiros anos da infância e que, apesar de recalçados, persistem no inconsciente.

O autor afirma que a qualidade das relações da criança foi firmada durante os primeiros seis anos de sua vida. Mais tarde, ela será capaz de desenvolver e transformar esses modelos de relacionamento que estabeleceu com os pais, irmãos e figuras importantes dessa etapa de sua vida. No entanto, não poderá livrar-se deles, o que de uma forma ou de outra refletirá nas suas escolhas posteriores como substitutos desses primeiros objetos com os quais se relacionou.

Seus relacionamentos posteriores são assim obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, defrontam-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. (Freud, [1914b] 1974: 287)

A compulsão à repetição está aliada ao princípio do prazer. O sujeito repete situações desagradáveis sem saber e contra elas não existe defesa, pois a força da compulsão à repetição é mais primitiva e arcaica do que a do princípio do prazer. Em 1920 (1974), Freud coloca a compulsão à repetição no mesmo lugar que o princípio do prazer, ou seja, ambos são inconscientes. Ao mesmo tempo em que o princípio do prazer tenta evitar o desprazer, a compulsão à repetição repete esse desprazer. É neste sentido que o desejo é ao mesmo tempo temido e desejado. O princípio do prazer esbarra na compulsão à repetição e, com isso, não se tem garantias quanto a alcançar sua finalidade. Assim, a pulsão de vida busca a união, o reencontro com o objeto perdido, e a pulsão de morte repete, infinitamente, a volta ao estado anterior.

Em muitos casos o sujeito é obrigado a repetir o que foi reprimido porque não pode recordar. Isto ocorre na medida em que ele repete aquilo que não sabe e não saberá nunca, pois não está acessível à cadeia da memória.

..Essas reproduções que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (acted out) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico. (Freud, [1920] 1974: 32)

Neste mesmo artigo, Freud aponta a incompatibilidade dos desejos infantis em relação à realidade que nos é imposta. Segundo ele, a perda do amor e o fracasso deixam uma marca permanente em todos nós, a marca da castração. No entanto, podemos dizer que o sujeito se torna sujeito a partir do trauma, ou seja, da possibilidade de separar-se. O narcisismo é apenas uma condição de poder viver imaginariamente uma completude, negando a divisão.

Podemos afirmar, então, que os sentimentos incestuosos atravessam e fazem parte do desenvolvimento normal do sujeito. Neste sentido, o papel da sociedade é o de impor esta lei que inicialmente forma a família. Em função disso, estabelece-se a repressão que mantém inconsciente este desejo e, conseqüentemente, a renúncia do objeto amado. Freud ([1912] 1974) coloca a civilização como algo que restringe o amor, devido ao seu caráter proibitivo, o que, segundo ele, poderia levar a uma depreciação dos objetos sexuais.

O objeto final da pulsão sexual é, desta forma, obrigado a se desviar de seu caminho original. O afastamento de uma satisfação nos obriga a procurar substitutos, fazendo com que a energia antes voltada para o objeto original retorne sob as mais variadas formas. A psicanálise nos indica que, ao se perder em conseqüência da repressão o objeto original, este é representado simbolicamente por outros objetos substitutos, nenhum dos quais, porém, proporciona satisfação completa. O registro inconsciente de uma vivência ilusória de plenitude na relação com a mãe faz com que haja uma busca infundável de satisfação plena, que jamais é alcançada nas relações apaixonadas substitutas. Daí fazermos referência ao caráter compulsivo da paixão.

Na repetição o que ocorre é uma procura do objeto perdido, uma tentativa de reencontro que no entanto jamais se dá de forma plenamente satisfatória, posto que o objeto que se apresenta coincide apenas parcialmente com aquele que originalmente proporcionou satisfação. (Garcia Roza, 1986: 115)

Ao optar por um parceiro, há uma organização psíquica, fonte da proibição do incesto. Tanto a barreira do incesto como a presença de um terceiro servem como uma ruptura e, conseqüentemente, estabelecem uma necessidade de se adequar a uma sociedade e suas regras, tornando necessária a ação da repressão. É por isso, talvez, que podemos dizer que aquilo que se procura atingir na relação amorosa só poderia ser alcançado se não tivesse havido a interdição edípica. É justamente por sermos marcados por essa interdição que precisamos sair em busca de uma satisfação que será sempre substituta. No entanto, todos nós temos que nos haver com essa insatisfação, a forma com que vamos lidar com isso é que pode ser mais ou menos “neurotizante”.

Sob este aspecto é que também podemos dizer que estar apaixonado está relacionado com um certo amadurecimento, uma vez que é preciso se desvencilhar dos objetos reais infantis para revivê-los de outra forma. Neste processo de separação dos objetos reais infantis, também são reconfirmadas as boas relações com os objetos internalizados do passado. O paciente psicótico parece ficar preso a esta relação primária com a mãe, não tendo sido possível para este tipo de paciente fazer a separação, fala-se que a “função paterna falhou”, o filho permanece colado na mãe.

Gustavo tem 44 anos e esteve internado em hospitais psiquiátricos em curtos períodos de tempo. Ficou 26 anos recluso em casa, ao lado da mãe, sem fazer absolutamente nada. Vivia vigiando os vizinhos e, às vezes, ia na Igreja ou jogava bola. Hoje ele voltou a estudar e fala de suas dificuldades. Só consegue estudar se for acompanhado, tem muito medo de ficar sozinho, pensa em como será seu futuro sem sua mãe. Parece haver uma grande dificuldade de individuação. Além disso, Gustavo nunca se relacionou com ninguém, sejam relações de amizade, sejam relações amorosas. Repete, em várias sessões, essa sua dificuldade de se relacionar. Diz “o meu papo morre logo, não tenho relações profundas, fico à margem nas minhas relações, não consigo ir mais profundo.” É interessante pensar nesse amadurecimento do sujeito como um desvencilhar-se dos objetos reais infantis para revivê-los de outra forma. Parece que é justamente

isso o que não ocorre nos pacientes psicóticos. Não tendo havido essa interdição, fica difícil fazer a passagem do objeto mãe para um outro qualquer.

Dizemos que o sujeito parte para a realização de um amor possível. Podemos dizer que a escolha tem um valor resolutivo. Não ficaremos surpresos ao percebermos que a escolha amorosa de um sujeito está sempre referida às imagens parentais. Além disso, quanto pior for a relação que este sujeito estabelece com sua parceira, mais claramente ela estará refletindo as dinâmicas infantis mal clarificadas desses parceiros. O Édipo marca e organiza as representações que cada um dos participantes (mãe, pai, filho) tem de si e dos demais. A perda do objeto primário de satisfação torna necessária uma substituição do investimento para um outro objeto de amor. Este é escolhido por comparações com o objeto edípico.

No final do Édipo, ocorre uma identificação muito forte com o pai do mesmo sexo, pois a ele pertence quem a criança gostaria de ter. O modelo é então o ideal a ser alcançado. A busca de um objeto de amor ocorre pela via da identificação, permitindo conciliar desejo e angústia de castração.

Acredita-se que desta forma o sujeito terá chances de conquistar alguém semelhante a seu pai/sua mãe. Ocorre então que, mais tarde, ele pode optar por uma escolha de objeto que lhe fará, inconscientemente, voltar ao passado. O sujeito terá, portanto, introjetado parte do objeto renunciado, no caso a mãe/pai, e passará a agir como ele, quando se deparar com uma escolha do tipo anaclítica. Vale ressaltar que a identificação pode estar vinculada não só na imagem idealizada, mas também em aspectos que representam seu extremo oposto.

O sujeito parece buscar na relação amorosa o objeto edípico perdido e/ou, regressivamente, reproduzir a fusão da relação inicial com a mãe, com o objeto amado. A idealização, tão comum nos primeiros momentos de uma relação amorosa, recai no contexto da experiência infantil de relacionamento mãe/bebê. A origem da formação de um casal é, muitas vezes, uma tentativa de anular as diferenças entre os parceiros.

Ao falar de complexo de Édipo, o que inicialmente vem à cabeça é o desejo da criança pelo pai do sexo oposto e suas fantasias em se livrar do rival (pai do mesmo sexo). A criança sofre por ter sentimentos tão opostos em relação ao rival, ela o ama, mas também quer, inconscientemente, livrar-se dele. Ou seja, ela admira o pai do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, o teme e odeia. Mas, a

ênfase aqui será nas conseqüências que o desenrolar deste complexo, sobretudo a castração simbólica, poderá trazer para o sujeito. Este fato é para Freud ([1914a] 1974) uma tentativa de, através do outro, atingir a completude. O outro, na fantasia do sujeito, é depositário do objeto perdido.

O parceiro escolhido apresentará traços que representam o objeto perdido do outro cônjuge. O objeto amado será escolhido de acordo com as exigências fantasiosas de cada um. Porém, cada sujeito na sua subjetividade traz para a relação suas próprias expectativas e idealizações.

Nos relacionamentos amorosos, muitas vezes, o sujeito atribui determinadas qualidades ao outro, indicando que o reconhecimento da própria identidade nunca é absoluto ou final. Permanece sempre um desejo de fusão, de incorporação, de desaparecimento da própria individuação. É como se o amor se constituísse numa fusão em que aquilo que é projetado no parceiro é também por ele assimilado e incorporado por meio de identificações.

Quem ama espera ser correspondido, essa relação dual permite que o casal estabeleça, inconscientemente, uma série de identificações. Eigner (1983) nos diz que a escolha amorosa pode ser entendida como um mecanismo defensivo, na medida em que o cruzamento de objetos inconscientes do casal é uma descoberta e ao mesmo tempo um resultado do amor infantil. Além disso, a escolha tem um aspecto organizador, pois viabiliza a experiência de um amor possível, afastando, assim, a ameaça de castração.

O amor organiza o campo dos objetos de desejo e cria a ilusão de encontrar o objeto que tamponaria a falta. A ilusão de completude é estruturante do vínculo de casal, e no início do relacionamento é comum reeditar a necessidade de uma relação indiscriminada, onde as diferenças não apareçam.

Esta sensação faz com que o objetivo do relacionamento amoroso seja encontrar algo parecido com a sensação de completude do narcisismo primário, a busca do ideal. Essa busca ocorrerá por toda a vida, visto que atingir a satisfação exige que o ideal esteja fora do sujeito, e este ideal será sempre um substituto simbólico.

Portanto, esse desejo de união, de fusão, não pode, por si só, ser considerado patológico. Há, em alguns casos, a possibilidade de existir um desejo de desfazer tudo que fora conquistado. Ou seja, essa regressão, quando transitória, é comum em alguns relacionamentos, especialmente quando se está apaixonado.

O problema da aceitação da realidade pode ser reduzido ao problema da aceitação da separação dos objetos, isto é, de que eles podem ser perdidos. No mundo mágico e onipotente da criança nada se perde, a separação, a morte e a castração são negadas. Segundo Modell (1973), a criança que teve uma boa relação com a mãe ou, para usar o termo de Winnicott, a criança que teve uma experiência de “uma mãe suficientemente boa”³, pôde formar uma identidade positiva. Isso possibilita a renúncia parcial às exigências pulsionais em relação ao objeto, permitindo ao sujeito uma maior facilidade de individuação.

3.2

Passado e presente; um único tempo?

A psicanálise é um método destinado a reviver o passado, ou, ainda, a reviver emoções vividas no passado como se fossem ressonâncias. Nosso passado não é jamais puro, ele é fruto de incessante reconstrução. Se pensarmos, por exemplo, na casa de nossa infância, teremos a lembrança de uma casa enorme. Mas, se pudermos olhá-la com os olhos do presente, veremos que ela não é mais tão enorme quanto imaginávamos. É claro que a casa não diminuiu, mas nós já não somos mais tão pequenos em relação a ela. Do presente nos remontamos ao passado que, por sua vez, também modifica o presente. É um vai e vem permanente. Se é verdade que algo antigo pode modificar o presente, é ainda mais correto afirmar que nosso passado é sempre visto pelo filtro do presente. O presente é, desta forma, visto como uma lupa deformadora do passado, como o seu destino - resultado de uma elaboração psíquica. Tudo parece uma reconstrução do passado sem que reflita fielmente essa antiga realidade.

O presente é, portanto, resultado de uma criação permanente, é através da relação entre o tempo presente e o passado que surge a capacidade da troca, da mudança de objeto, ou seja, da possibilidade de se continuar investindo e, muitas vezes, poder dar ou não um novo sentido a antigas representações. Algo precisa ser simbolizado na relação do sujeito com a lei para que ele tenha possibilidades

³ Este é um termo utilizado por Winnicott ([1971] 1975) que se refere àquela que efetua a adaptação ativa das necessidades do bebê, capacitação esta que deverá diminuir, gradativamente, conforme a possibilidade do bebê em lidar com o fracasso.

de escolha. O componente da paixão é fortemente influenciado pelo desejo por um objeto proibido, o objeto edípico (Kernberg, 1995).

Atravessar as fronteiras das proibições sexuais e geracionais poderia ser formulado como uma ativa reconstrução, por parte do indivíduo apaixonado, de sua história passada de relações edípicas, incluindo as fantasias defensivas e criativas que transformam o reencontro em um novo encontro com o objeto de amor. (...) Em ambos os gêneros, os anseios edípicos, a necessidade de superar as fantasias das proibições edípicas e satisfazer a curiosidade sobre as misteriosas relações entre os pais, estimulam a paixão sexual. (Kernberg, 1995: 53)

Acreditamos, assim, que o encontro amoroso é, de certa forma, uma tentativa de ir além, de sair desse passado e poder transpor sentimentos desse período para o presente. Quando dizemos que estar apaixonado está relacionado a um certo amadurecimento, é no sentido de deslocar-se de um objeto para o outro, um substituto simbólico. O encontro amoroso é, portanto, resolutivo, reestruturante e constitutivo, pois oferece uma saída possível para o Édipo e, conseqüentemente, a possibilidade de uma elaboração do conflito infantil.

Certamente, esse deslocar-se nem sempre é tão simples e amadurecido assim. Muitas vezes, o sujeito se desloca de um objeto de amor primário para um outro na tentativa que este seja como o primeiro. Fica, assim, tentando torná-los idênticos e se relaciona com um como se fosse o outro. Parece, neste caso, haver uma cristalização das vias de busca da felicidade, na medida em que o objeto amoroso é encarado como insubstituível.

O autor supracitado aponta uma possibilidade de “patologia” que pode interferir em relacionamentos estáveis. Segundo ele, esse tipo de patologia se dá por uma incapacidade de resolver conflitos edípicos com a figura parental do mesmo sexo e, por outro lado, por um “*narcisismo patológico*” (Kernberg, 1995: 53). As mulheres que apresentam esse tipo de patologia, tenderiam a se apegar insistentemente a homens insatisfatórios e, de acordo com o autor, seriam incapazes de usufruir, ou até mesmo manter, um relacionamento com um homem que poderia ser gratificante para ela. Isso ocorreria em função da inveja do pênis, a inveja da mãe pré-genital é deslocada para o pai idealizado e seu pênis. Já os homens que apresentam essa patologia, tenderiam a se apegar a mulheres frustradoras, assumindo frente a elas uma postura de medo e insegurança, além de reações formativas contra essa insegurança na forma de hostilidade.

Conforme tentamos expor aqui, uma emoção muito primitiva pode ficar reprimida e silenciada por muitos anos e, mais tarde, ser responsável por uma escolha amorosa, por exemplo. Diríamos que a emoção experimentada na infância ressurgiu, ainda que de outra forma, na vida adulta. As primeiras impressões afetivas e emocionais do bebê são os protótipos de futuros vínculos na vida adulta. Nossa forma de amar obedece, muitas vezes, a um estereótipo ou clichê que se repete no curso de nossa existência, marcando um traço comum nas escolhas amorosas. Nesses casos, o amor pode ser compreendido como eco de um amor fundamental, o amor da relação inicial mãe/bebê.

O que as crianças experimentam na idade de dois anos e não compreenderam, nunca precisa ser recordado por elas, exceto em sonhos, elas só podem vir a saber disso através do tratamento psicanalítico. Em alguma época posterior, entretanto, isso irromperá em sua vida com impulsos obsessivos, governará suas ações, decidirá de suas simpatias e antipatias e, com muita frequência, determinará suas escolhas de um objeto amoroso, para a qual quase sempre é impossível encontrar uma base racional. (Freud, [1939] 1974: 149)

Na maior parte das vezes, repetimos esses padrões sem nos darmos conta disso e, mais ainda, sem que possamos evitá-los. Somos assim autores inconscientes de nossas escolhas. A vida precoce infantil, as primeiras relações de amor, assim como os primeiros ecos e limites impostos ao bebê, são experiências que deixam uma marca na nossa vida futura. Mas quais serão os destinos dessas impressões e o que poderá influenciá-las no presente e no futuro?

Em 1896, em uma carta à Fliess, Freud já observava que determinados fatos do passado estariam sujeitos a certos rearranjos de acordo com as circunstâncias presentes, ao que ele chamou de “*retranscrição*” (Freud, [1896] 1974: 317). Através de uma série de registros e inscrições, temos vestígios de uma rede de associações que estão permanentemente em movimento e, que podem ser designadas como uma memória plural.

Em “*Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*”, Freud ([1907] 1974) revela algo desse passado que permanece no presente. Ao descrever o conto do arqueólogo e sua fascinação pela estátua de Gradiva, o autor aponta para algo que fora revelado nesse encontro entre o arqueólogo e a estátua. Algo havia atraído o arqueólogo naquela estátua, mas não se tratava de nada específico do ponto de vista da disciplina científica. Ao nomear a estátua de “*Gradiva - a jovem que*

avança” (Freud, [1907] 1974: 21), o jovem arqueólogo criou uma série de fantasias relacionadas a ela. Após um sonho, foi até a Itália a fim de encontrá-la. Na realidade, Gradiva era uma jovem alemã, com quem o arqueólogo já havia se relacionado na infância. No entanto, ele nada lembrava sobre isso. O autor afirma serem as fantasias do jovem arqueólogo, ecos de suas lembranças infantis. Desta forma, não se tratava de uma arbitrariedade imaginativa, mas sim de aspectos que foram determinados pelo “*acervo de impressões infantis esquecidas, mas ainda atuantes nele*” (Freud, [1907] 1974: 39).

Esse esquecimento de Norbert (o jovem arqueólogo), era algo da ordem do reprimido. As idéias só são reprimidas porque estão relacionadas a sentimentos que devem ser evitados. Apesar deste caso ser uma ficção, ainda assim é possível compreendermos essa ligação entre passado e presente não como um determinando o outro, mas como fatos interligados, emaranhados.

Em outro artigo intitulado “*O Estranho*”, Freud ([1919] 1974) nos oferece, como possibilidade para compreendermos aquilo que é estranho, uma definição que inicialmente pode causar espanto. De acordo com o autor, poderíamos falar de estranho como algo que nos é familiar. E é justo este aspecto que nos interessa neste artigo. A compulsão à repetição, que abordamos anteriormente, apesar de familiar – na medida em que se repete – é também estranha, no sentido de curiosa, de coincidente. Neste sentido é que Freud nos fala do aspecto estranho como algo que está relacionado à revivência de determinados elementos infantis.

Pode ser verdade que o estranho [unheimlich] seja algo que é secretamente familiar [heimlich-heimisch], que foi submetido a repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é estranho satisfaz essa condição. A escolha do material, com essa base, porém, não nos permite resolver o problema do estranho. Porque a nossa proposta é claramente não conversível. Nem tudo o que preenche essa condição – nem tudo que evoca desejos reprimidos e modos superados de pensamento, que pertencem à pré-história do indivíduo e da raça – é por causa disso estranho. (Freud, [1919] 1974: 306)

Apesar da incerteza, Freud vai descrever ao longo do artigo esta possibilidade do estranho como algo familiar, tais como os complexos infantis reprimidos, complexo de castração e fantasias de estar no útero. Mas, segundo o autor, essas experiências que provocam a sensação de algo estranho não ocorrem

com muita frequência na vida real. Talvez, não ocorram conscientemente como ocorrem as outras coincidências mais corriqueiras, tais como repetições de datas, nomes, lugares, etc. O que ocorre quando o estranho se origina de complexos infantis, é que surge uma realidade que não é essa real, mas uma realidade psíquica. Implica, portanto, no retorno de algo que fora reprimido.

Poderíamos concluir que uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis são revividos a partir de algo que os fazem retornar, ainda que de outra forma. Sob este aspecto, podemos pensar em um paralelo com as escolhas amorosas, tema de nosso estudo. O que seria a escolha amorosa senão um confrontar-se com esse estranho que nos remete a tantos significados de nossas histórias passadas? Seriam nossas escolhas tão arbitrárias assim, que em nada se relacionam com nossas histórias?

Em “*Análise Terminável e Interminável*”, Freud ([1937a] 1974) afirma que todas as repressões se efetuam na infância como mecanismos de defesa utilizados por um ego fraco e imaturo. Tais repressões persistem e continuam sendo utilizadas pelo ego a fim de dominar as pulsões. Em outro artigo, ainda do mesmo ano, “*Construções em Análise*”, Freud ([1937b] 1974) afirma que a tarefa do analista seria preencher as lacunas que foram esquecidas. Compara o trabalho analítico ao de um arqueólogo que vai escavando a fim de encontrar pistas para reconstruir algo que fora destruído. Apesar de o trabalho do analista não ser tema desta dissertação, esse assunto nos interessa na medida em que aponta uma continuidade entre passado e presente. Talvez, não de um passado que fora esquecido e deve ser reconstruído, de forma a preencher lacunas, mas sim de algo que hoje permanece, de alguma forma, vivo dentro do sujeito.

Esse encontro entre o tempo que passa e aquele que, de alguma forma, permanece presente, necessita de uma operação de transferência. Isso ocorre na medida em que, muitas vezes, determinadas representações intoleráveis para o sujeito insistem em buscar uma representação. Para isso, é necessário um deslocar-se de um objeto proibido para outro possível. O encontro amoroso é justamente essa possibilidade que nos coloca, em determinados momentos, frente a questões ao mesmo tempo tão atuais e tão antigas.

4

A psicanálise de família e suas contribuições para a questão das escolhas amorosas.

4.1

Vínculo Conjugal

O termo *vinculum* significa união, atadura de uma pessoa com outra, o que sugere a idéia de uma relação estável. O vínculo é uma estrutura dinâmica em contínuo movimento que inclui um sujeito, um objeto, a relação do sujeito com o objeto e a relação desse objeto com o sujeito. Pichon-Rivière ([1980] 1998) distingue vínculo de relações objetais. De acordo com o autor, o primeiro difere do segundo por incluir uma conduta mais ou menos fixa com o objeto, formando uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente. Além disso, nos diz que o vínculo possui uma característica de “bivalência”, já que o estabelecimento com o objeto bom e com o objeto mau coexistem. O vínculo inclui uma conduta com o objeto total em que amor e ódio estão voltados para o mesmo objeto.

O vínculo externo é marcado fortemente pelo vínculo entre o ego e seus objetos internos. Ocorre que através do mecanismo projetivo, ou seja, a partir daquilo que o sujeito projeta para o mundo externo, é que será possível perceber a conduta dos vínculos internos desse sujeito com seus objetos internos. Isto nos indica que aquilo que vivemos no mundo externo reflete a dinâmica interior de cada um de nós. Na relação do casal, por exemplo, é facilmente percebido que muito daquilo que apontamos no outro é, na verdade, uma parte de nós mesmos.

Podemos dizer que um vínculo externo posteriormente se torna interno e depois externo novamente, volta a ser interno e assim sucessivamente, o que forma uma espiral dialética onde vínculo interno e externo estão integrados (Pichon-Rivière, [1980] 1998). Dessa passagem do dentro para fora e vice-versa, é que vai se constituindo a noção de limite entre um polo e outro. Cada sujeito possui para si sua própria vivência de mundo interno e externo, reconhecendo, assim, seus limites. O psicótico, por exemplo, possui um vínculo interno muito

forte. Os delírios e vozes que ele escuta resultam de seus vínculos internos. Além disso, na estrutura familiar psicótica parece não haver uma delimitação entre os diferentes vínculos tais como o de aliança, de filiação e de consangüinidade (Eiguer, 1983).

As nossas relações com os outros estão fortemente fundamentadas no interjogo de assumir e atribuir papéis. Cada um de nós representa diversos papéis em diferentes momentos, como o de mãe, esposa, profissional, amiga, etc. Portanto, podemos concluir que o papel que exercemos pode ser transitório, apesar de possuir uma função determinada. De acordo com George Mead (citado por Pichon-Rivière, [1983] 1998), além de possuímos um papel também assumimos o papel dos outros. Temos, portanto, uma dupla representação do que acontece: uma fora e outra dentro. Cada um de nós tem um mundo interno repleto de representações de objetos onde cada um está internamente cumprindo um papel, uma função determinada.

Na estrutura vincular do casal há dois tipos de representação que organizam e impõem algumas leis de funcionamento de diferentes qualidades: a do macro-contexto social e a do Édipo. Enquanto que a primeira determina a relação familiar, as inscrições nas leis de parentesco e na continuidade histórica, a segunda determina que cada ego deve se comportar de acordo com o modelo de casal parental.

Além disso, o casal possui certos parâmetros definitórios, tais como uma certa cotidianidade, modalidade de relações sexuais, projetos e acordos. Um vínculo é, desta forma, estabelecido a partir de regras inconscientes, formadas por pactos e acordos que têm por finalidade criar uma nova organização mental e vincular. Esta formação não é apenas a soma de cada cônjuge, mas uma combinação deles. No entanto, este parece ser o grande paradoxo do casamento. Como ser um e ser dois? O casal é uma estrutura própria levando em consideração as características individuais de cada um.

...As decepções decorrentes dos contrastes entre o que foi subjetivamente concebido e o que é objetivamente constatado, não se dão sem dor, sobretudo quando da constatação do distanciamento entre o que se esperava que fosse e o que é, e que implica na experiência de separação e de diferenciação. São problemas muito antigos: como chegar ao três se o dois ainda não foi alcançado? Como tolerar a angústia de castração, própria do conflito edípico, se a angústia de des-ser, própria do luto fundamental, não

foi ainda superada e o número dois (separação dos seres) não chegou a ser alcançado? (Almeida Prado, 1999: 151)

É justamente este paradoxo que nos leva a concordar com Berenstein & Puget (1993), ao afirmarem que o vínculo é também lugar de desencontro. De acordo com os autores, é preciso passar de um pólo narcisista para um pólo edípico, a fim de se estabelecer alguns níveis de discriminação. O desencontro pode acontecer na medida em que o ego recebe determinados signos do seu parceiro. Este não pode superpor-se totalmente como objeto de desejo do ego, mesmo assim, solicita o ego a ocupar essa posição de seu objeto de desejo. Isto nos remete à questão do ideal já abordada anteriormente. O primeiro encontro mãe/bebê é marcado por essa coincidência de desejos e, por outro lado, é também nesta relação que, mais tarde, o bebê vai se constituindo como um ser diferenciado. O vínculo de objeto único, característico desta relação inicial é estabelecido a partir de uma certa fixidez, visto que há um sujeito que é portador do desejo (bebê) e outro que é objeto a serviço do desejo do ego (mãe). É precisamente este nível ilusório e a impossibilidade de se satisfazer tal ilusão, no campo das relações amorosas, que levam à formação de vínculos fictícios, como nos referimos anteriormente.

Os pactos inconscientes reforçam os acordos e revelam aspectos diversos originados dos espaços não compartilhados de cada parceiro. Há uma necessidade de se adaptar a esta nova configuração e, portanto, é preciso que sejam feitas algumas concessões. Já o acordo inconsciente tem uma outra conotação: a de uma apropriação. Um sujeito incorpora o traço do seu parceiro, passando, então, a funcionar como próprio. Sob este aspecto, o acordo estaria ligado a uma apropriação mútua e compartilhada de aspectos de cada um. No entanto, há sempre algo que não se pode compartilhar e daí a importância dos pactos.

Todo vínculo inclui uma conduta, uma relação particular com o objeto eleito. No casal, os cônjuges estabelecem uma estrutura vincular, uma relação intersubjetiva. Este tipo de relação implica em uma conduta mais ou menos fixa, dependendo da estrutura psíquica de cada um e, mais ainda, da estrutura psíquica formada por eles. A tendência é que esta conduta se repita automaticamente na relação interna (com o próprio sujeito) e na externa, com o parceiro. Para Eiguer

(1983), o vínculo é uma superposição de duas relações de objeto, na qual o casal constrói uma identidade comum.

Uma união ou vínculo é uma construção de um trabalho psíquico realizado pelos dois sujeitos. Puget (2000) postula que esse vínculo só se forma na medida em que cada um impõe a sua “estranheza” para o outro. O que define o vínculo para a autora são os componentes inassimiláveis do próprio sujeito, agregando-se aos irrepresentáveis do outro que, de acordo com ela, seriam a estranheza e a alteridade. A função vinculante depende da possibilidade de se realizar um trabalho psíquico sobre essas diferenças, é isto que sustenta o vínculo. Desta forma, conclui-se que o psiquismo é constituído tanto por uma vertente intrasubjetiva como também pela vertente intersubjetiva. A singularidade vai dando espaço para a formação de um inconsciente vincular, na medida em que pertencer a uma estrutura vincular é diferente de ser. O sujeito se cria em cada um de seus vínculos e em cada contexto no qual está inserido. A subjetividade se constrói a cada momento e em cada grupo, o que nos leva a afirmar que não existe *“um si mesmo válido para a vinculariedade”* (Puget, 2000: 75). Há, portanto, uma realidade própria criada no encontro do casal que é efeito do trabalho realizado entre os dois sujeitos.

Eiguer (1983) distingue três tipos de vínculos que designa libidinais: o vínculo de aliança, vínculo de filiação e o de consangüinidade. Segundo o autor, esses vínculos evocam as linhagens de origem dos pais, a genealogia com seus mitos e segredos, ou seja, há uma história que é passada de geração para geração.

Pincus & Dare ([1978] 1987) postulam que ninguém perde por completo as necessidades que um dia experimentou na relação com a mãe. Elas persistem, assim como certos padrões de relacionamento que têm sua origem na infância também se repetem. De acordo com os autores, o vínculo amoroso possui emoções que circularam pela resolução do Édipo e são reeditadas no vínculo com o parceiro. O que não está resolvido, muitas vezes, se repete, e até mesmo por que não dizer, proporciona essa união entre os parceiros. Diversas emoções circulam pela relação amorosa, especialmente as que pertencem à fase da resolução do Édipo. O vínculo conjugal se apresenta como lugar propício para a repetição de certos desejos antigos a respeito do objeto de amor.

Podemos pensar numa dificuldade comum na maioria dos parceiros em se desvincular, pelo menos em parte, de seus vínculos parentais para criar uma nova

estrutura, resultado da transformação de cada um nessa nova unidade que se formará. O caminho a ser percorrido envolve o desafio de discriminar o que é de cada cônjuge, o que é do vínculo conjugal e o que é de cada família.

Berenstein & Puget (1993) afirmam que, assim como há casais que fixam seu começo neles mesmos, recusando, portanto, as representações de casal provenientes da família de origem, há também outros cujos modelos são o de dependência e continuidade. Para estes, o criativo e o novo parecem ameaçador. Segundo os autores, tudo que possa ter significado de corte ou discriminação pode representar para esses casais fonte de angústia. No entanto, não podemos nos esquecer que toda família possui seus mitos, seus acordos e pactos que acabam por defini-las e até mesmo organizá-las. Portanto, cada cônjuge possui uma definição individual do que é ser casal.

A diferença entre vínculo e relação intrasubjetiva é que, nesta última, o desejo circula de forma unidirecional. Um ego desejante de outro funciona como objeto intrasubjetivo. Já na relação vincular, é condição necessária a presença de um referencial externo. A bidirecionalidade do vínculo se encontra justamente na presença de dois egos em que ambos ocupam, alternadamente, o lugar do desejo e de realização do desejo do outro, envolvendo sempre uma dimensão inconsciente.

A disposição de estabelecer vínculos se baseia no pressuposto segundo qual todo ser humano constitui uma representação de seus vínculos a partir de três formas de contato com o outro:

- Representando-se ao mundo sobre um modelo corporal, anterior à palavra. Seria o estágio fusional da unidade mãe/bebê onde não se reconhece os limites próprios e os alheios.
- Reconhecendo a existência de um outro que deve corresponder às expectativas do ego. É uma construção baseada nas fantasias, a qual Puget & Berenstein chamaram de *nível fantasmático*.
- O terceiro nível de modalidade vincular é o das palavras intercambiadas que podem ser bem ou mal entendidas.

O casal compartilha essas modalidades mencionadas e pode acontecer de, em determinados casos, ocorrer um predomínio de uma ou outra modalidade. O objeto casal é construído desde o nascimento, utilizando as diversas modalidades vinculares das quais participou. Dentre elas, a de vínculo dual narcisista complementar de um objeto parental sustentado por um outro, o virtual, ou a de excluído de um vínculo entre pai e mãe. Ou, ainda, a do conjunto pai/mãe dentro de um contexto social em que leis são impostas para que se estabeleça uma organização.

O casal se depara com uma demanda inconsciente de construir o “vínculo de aliança” (Berenstein & Puget, 1993) em concordância com o mito fundador da família que cada um traz para a relação. Há um desejo de se criar uma estrutura inédita, no entanto, essa estrutura é o resultado da transformação dos modelos parentais de cada um, que se presentifica no novo vínculo formado.

Portanto, construir um vínculo conjugal significa criar uma estrutura inédita, na qual o conhecido de ambos se dilui e adquire uma nova forma. Porém, podemos perceber que há uma eterna luta em transformar o outro em um objeto intrasubjetivo, ou seja, negando o reconhecimento da *extraterritorialidade* de cada um. Cada reencontro obriga os parceiros a abandonar as fantasias imaginárias e substituí-las pela presença real do outro.

4.2

Transmissão psíquica

“Aquilo que herdaste de teus pais,
conquista-o para fazê-lo teu.”⁴

A família é o lugar onde ocorre a transmissão da herança psíquica adquirida e fundadora de cada um e do todo. É também através da transmissão inconsciente que cada um vai circunscrevendo sua própria subjetividade. A questão da continuidade da vida psíquica entre as gerações pode ser encontrada em textos de Freud, sobretudo os artigos “*Totem e Tabu*” ([1913] 1974) e “*Introdução ao Narcisismo*” ([1914a] 1974). No primeiro artigo citado, o autor

⁴ Goethe, Fausto, parte I, cena I. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago. p. 188.

trata a questão do tabu (mito do parricídio) como o mais antigo código não escrito da humanidade, estando vinculado àquilo que é, ao mesmo tempo, desejado e temido (proibido). Ele constrói um mito científico sobre a herança mais arcaica da humanidade e sua origem. Freud ([1913] 1974) afirma que a eliminação do pai primevo pelos filhos deixou traços na história da humanidade. A pré-história de cada um de nós é evocada, neste texto, como tendo um princípio e fim irreversíveis, um espaço de repetição de um passado do qual não se escapa.

Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. (...) A menos que os processos psíquicos sejam continuados de uma geração para outra, ou seja, se cada geração fosse obrigada a adquirir novamente sua atitude para com a vida, não existiria progresso neste campo e quase nenhuma evolução. Isso dá origem a duas questões: quanto podemos atribuir à continuidade psíquica na seqüência das gerações? Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte? (Freud, [1913] 1974: 187)

Em seguida, ele nos diz que mesmo a mais implacável repressão deixa espaço para impulsos substitutivos deformados e para as possíveis reações daí resultantes. Desta forma, nenhuma geração poderia ocultar totalmente importantes processos mentais; existiria algo que é da ordem do inconsciente e que escapa até mesmo à repressão, tornando-se presente ainda que muitas vezes de maneira disfarçada. Podemos pensar com isso que a entrada do sujeito no mundo é antecipada por regras e leis que devem ser cumpridas para que se possa viver em sociedade.

O artigo “*Sobre o Narcisismo: uma introdução*” ([1914a] 1974), já bastante discutido anteriormente, nos remete novamente à questão da transmissão psíquica quando o autor descreve a criança como herdeira do desejo dos pais. Ou seja, ela está submetida a uma corrente geracional que marca, de alguma maneira, a continuidade da vida psíquica entre gerações. Antes mesmo de seu nascimento o bebê já possui um lugar a ser ocupado, lugar este marcado pelo desejo, fantasias e expectativas das gerações precedentes. Freud dará espaço para pensarmos na questão da intersubjetividade, ou seja, na formação da subjetividade a partir também da relação que o sujeito estabelece principalmente com seu grupo familiar. De acordo com o autor, as fantasias originais, o complexo de Édipo, assim como as formações psíquicas originadas na pré-história da humanidade,

constituem a herança arcaica do psiquismo. Cada sujeito tem para si suas versões a respeito dessas questões.

Todo sujeito nasce em um espaço familiar que acaba por servir de elo intermediário entre ele e o meio em que está inserido. A ação exercida sobre o *infans* é resultado do discurso e desejo do casal parental. Piera Aulagnier (1975), postula a necessidade dessa antecipação como uma espécie de “sombra falada”, de um advir que é projetado pelo discurso da mãe sobre o corpo do *infans*. Aquilo que a autora designa “sombra” é o conjunto de enunciados que testemunham o desejo materno e formam uma imagem identificatória que antecipa a construção de uma subjetividade. De acordo com a autora, a mãe é “porta voz” dessa criança e é a partir desta antecipação necessária que somos incluídos num discurso que nos acolhe e dá significado aos nossos sentimentos.

A autora estabelece uma equivalência entre esta sombra projetada pelo discurso materno e as relações amorosas. Estabelece, porém, uma diferença que os distingue: segundo ela a relação amorosa instaura-se entre sujeitos, enquanto que a sombra representa a idealização que o ego projeta no objeto, a insistência do que ele gostaria que o objeto fosse ou se tornasse. Mas será que não podemos dizer também que, em alguns casos, o parceiro é uma espécie de sombra do outro? O que seria a idealização e a formação de vínculos fictícios, como descrevemos anteriormente, senão justamente aquilo que antecipamos da imagem do outro? Poderíamos, nestes casos, dizer que o parceiro, apesar de não ser aquilo que o outro deseja ou idealiza dele, é muitas vezes convidado a ocupar esse lugar de desejo do outro.

Essa sombra representa, assim, uma parte daquilo que um dia teve que ser reprimido (Édipo-desejo da mãe de ter um filho do pai) e, através do filho, pôde, narcisicamente, transformar-se em algo da ordem do “lícito”. Tal antecipação é por ela descrita como uma forma de violência necessária que permite o acesso do sujeito ao humano. O termo “contrato narcisista” utilizado pela autora neste livro se refere justamente a esse pré-investimento do *infans* pelo meio, como uma voz futura que vai ocupar um lugar que lhe é designado (esta idéia está contida no conceito de narcisismo que discutimos anteriormente). A criança deve assumir determinados compromissos em troca do investimento libidinal do qual é objeto. Sua “missão” é assegurar a continuidade da identidade familiar e do espaço narcísico. Ela é convidada a repetir os enunciados de uma voz morta, cristalizada,

que por vezes contradizem sua própria percepção. No entanto, cabe a ela buscar assegurar um lugar independente daquele antecipado pelo discurso parental.

De acordo com Correa (2000a), esse desejo antecipado dos pais pelos filhos os trazem para uma realidade que precede até mesmo a sua capacidade de resposta. Os pais desejam para o filho algo muito especial que, na maior parte das vezes, está diretamente relacionado com aquilo que o princípio da realidade os obrigou a renunciar e, narcisicamente, pretendem alcançar através dos filhos. Isto pode ser compreendido como um deslocamento que se deu na dialética edipiana dos pais, sobretudo da mãe, junto à aceitação da castração simbólica. A realização de tal desejo estaria deslocada para a figura do filho, já que eles próprios (os pais) foram obrigados a renunciar.

Podemos pensar no sujeito como lugar de encontro de múltiplas determinações, isto é, como o centro de uma complexa trama para a qual confluem inscrições desejanter, familiares e culturais. O grupo o precede, porém isto não significa conceber o sujeito como alguém passivo diante de diversas determinações. Não devemos entendê-lo como sendo apenas um reflexo especular do desejo parental ou uma produção linear de diversos condicionamentos socioculturais, mas sim como o centro convergente de uma trama de complexas intermediações, levando-nos a considerar sua constituição a partir de suas relações com os outros que os antecedem e, de maneira particular, com o Outro primordial. (Correa, 2000a: 57)

Para a autora, todo indivíduo é mediado pela cultura e pela linguagem em seu desenvolvimento. Os signos e símbolos criados inicialmente pelo casal vão inconscientemente perpetuando-se através das gerações. É como um legado que, por preceder nossa existência, nos obriga a lidar com o que herdamos, seja de nossa sociedade ou de nosso grupo familiar. Segundo Correa (2000b), há uma certa urgência e obrigação em se transmitir, pois isso possibilita a continuidade evolutiva de uma geração para outra. Como se cada um de nós já nascesse ocupando algum lugar, ou seja, ocupando um lugar herdado que nos é dado (narcisismo dos pais).

Uma geração não existe sem aquela que a precede e deve criar uma nova a fim de perpetuar a vida a ser transmitida. A inscrição do bebê na família constitui o tempo inicial da transmissão psíquica, mobilizando todo grupo familiar a novas representações, imagens e lembranças que a chegada de um novo membro na família pode trazer. Transmitir é fazer passar sentimentos, afetos, histórias e

pensamentos, ou seja, vivências psíquicas ou representações de uma geração para outra.

No entanto, essa transmissão é internalizada por cada um de uma maneira singular, sofrendo, muitas vezes, uma transformação, ou ainda uma reconstrução, entre aquilo que se pretendeu transmitir e o que se internalizou. De acordo com Granjon (2000), o que é transmitido por uma geração será recebido pelos filhos na *“malha das identificações e no tecido complexo dos laços familiares”* (Granjon, 2000: 27). Os processos de transmissão implicam em ligações com e entre diferentes níveis psíquicos, tanto intra quanto intersubjetivos, favorecendo, portanto, a transformação, e conduzindo a uma evolução entre o que é transmitido e o que é recebido. O sujeito não é apenas agente passivo, mas também ativo, na medida em que pode ser capaz de transformar aquilo que lhe foi transmitido. Os descendentes, ainda que recebam determinados elementos de forma bruta, vão sempre adquiri-los em função de determinados fatores, tais como o seu próprio desenvolvimento e o lugar que ocupam. Logo, não podemos deixar de considerar cada sujeito na sua singularidade e na relação que estabelece com o meio social em que vive. Cabe à criança a tarefa de apropriar-se e dar sentido às expectativas que a antecedem e receber a herança como uma aquisição apropriativa.

Mas até que ponto é possível dar sentido a tudo aquilo que nos é transmitido verbal e não-verbalmente? Será que não haverá sempre algo que pode nos escapar? Será que todo esse trabalho não pode falhar e a transmissão psíquica se tornar também alienante e não-estruturante? Aquilo que é transmitido sem laços, sem distâncias e sem transformação atravessa as gerações e se impõe em seu estado bruto. Benghozi (2000) estabelece uma diferença entre a transmissão intergeracional e a transgeracional que podem estar interligadas. Segundo o autor, na primeira há uma elaboração do material transmitido de uma geração para outra, e até mesmo uma possibilidade de transformação. Seria uma espécie de herança positiva, como propõe. Kaës (1998) destaca três características essenciais da transmissão intergeracional: as formações intersubjetivas primárias que asseguram o espaço e os vínculos intersubjetivos; o espaço para a formação dos vínculos que formam a realidade psíquica do grupo intersubjetivo, onde são apresentados os enunciados que se referem às proibições fundamentais e também os objetos e vínculos da identificação; e, por fim, o complexo de Édipo como organizador do

grupo, apontando as diferenças sexuais e também geracionais e as respectivas identificações.

No segundo tipo, na transmissão transgeracional, não há metabolização psíquica. Supõe-se a abolição das fronteiras, dos limites e dos espaços subjetivos. Este tipo de transmissão refere-se a uma modalidade defeituosa, negativa, da transmissão, onde encontramos lacunas e vazios. São encontrados aspectos do que não foi simbolizado, o não-dito, o “inominável” são assim transmitidos, sem contudo serem pensados e sequer elaborados. Dizem respeito ao que foi calado pelos ancestrais, como por exemplo doenças, mortes, transgressões familiares, etc. O que se transmite neste caso é aquilo que não pode ser contínuo, o que não se retém ou não pode ser lembrado na psique dos pais, ou seja, o erro, o segredo, a doença, o crime ou os objetos desaparecidos. Desta forma, o que será transmitido é o traço do que não pôde ser pensado, algo do que não é aceito, estando portanto fora do alcance de um trabalho psíquico e permanecendo em estado bruto impossibilitado de elaboração e, como tal, consagrado a repetições. Estes objetos tendem a permanecer escondidos, mas acabam por revelar-se de alguma maneira na dinâmica familiar.

Ciccone (1988) postula a noção de “fantasia de transmissão” que tem como função inocentar o sujeito. Este acredita que tudo o que lhe aconteceu vem do outro, de um ancestral ou geração anterior, livrando-se, assim, de toda a responsabilidade do que lhe foi transmitido. Essa ilusão ocorre, segundo o autor, sobretudo nos casos de transmissão traumática.

Esta discussão sobre o conceito de transmissão psíquica pode ser ilustrada com alguns fragmentos de casos clínicos. Tatiana é uma menina de 15 anos que chega ao atendimento trazida pela mãe. Esta se queixa da rebeldia da filha mas, por outro lado, se mostra aliviada por saber que a filha é estudiosa e, apesar de ter nascido num meio de traficantes e bandidos, nunca se envolveu com este tipo de coisa. O pai de Tatiana morreu quando a mesma tinha apenas três anos e nunca lhe foi contado sobre sua morte. Ela achava que um dia o pai iria voltar. A mãe disse que ela era muito nova e não ia entender que o pai havia morrido, por isso resolveu não dizer nada a filha. Somente aos 7 anos a menina, desconfiada da ausência do pai, resolveu perguntar o que havia acontecido. A mãe contou que o pai havia morrido, sem lhe dar explicações de como isso acontecera. Quando iniciou o atendimento com Tatiana ela, após me perguntar muitas vezes se eu iria

contar suas coisas para sua mãe, finalmente me diz: “Toda minha família é traficante, está no sangue, meu irmão é o substituto do meu pai, ou eu tinha que ir para esse lado do tráfico ou, pelo lado da minha mãe, que é tudo doente. Minha mãe tem problema nos nervos, meu tio bebe, minha avó está lá em casa sem poder sair. E aí não tinha como escapar, eu virei aviãozinho, trabalho no morro”. Parece que Tatiana se viu obrigada a seguir um dos caminhos, como se fosse um legado. Escolheu seguir o caminho do pai e sente orgulho ao ser temida pelas pessoas por ser reconhecida como filha de um grande traficante. Há uma forte identificação com esse pai morto e o segredo de sua morte é algo não elaborado para ela. Esse é um assunto do qual ela quase não fala, afinal não foi isso que lhe foi transmitido pela mãe? Além disso ela reclamava de “crises” que tinha eventualmente, não sabia me descrever muito bem como eram, só dizia que as pessoas falavam que ela estava ficando louca, pois ao ter essas crises se batia e dizia uma série de coisas que ninguém compreendia. Certa vez, após uma sessão em que ela me falava sobre essas crises, me deparo com ela na sala de espera de cabeça baixa chorando. Percebo que ela estava muito transtornada e faço-a entrar na sala. Ao entrar, ela fala que a crise está vindo. De repente senta-se no chão da sala, toda encolhida e diz; “chama o meu pai pra mim, vai lá buscar ele por favor, chama ele, busca ele pra mim”, e repete isso várias vezes. As crises as quais tentava me descrever e acabou me mostrando, tinham a ver com essa ausência do pai, isso que não lhe foi dito.

Outra questão que nos chama atenção, nesse caso, e que está relacionada com o tema do nosso estudo, são as escolhas amorosas de Tatiana. A mãe a proibiu de namorar um rapaz por saber que ele era bandido. A menina diz: “a senhora casou com um bandido e eu não posso? Muito engraçado né, olha quem está falando?” A mãe avisou que era justo por isso que ela estava falando e disse para filha que toda mulher de bandido vive apanhando, além disso eles têm sempre outras mulheres. Tatiana diz que sabe disso e que nunca viu ele com outra, por isso está tudo bem, mas se algum dia ficasse sabendo de alguma coisa mataria esta mulher. Esta fala nos remete à problemática edípica, quando a mãe finalmente revelou que seu pai havia morrido, Tatiana diz que teve o seguinte pensamento: “eu vou na cozinha pegar a faca e vou matar essa mulher”. Será que ela estaria diante da impossibilidade concreta de ter o pai como objeto de amor e, conseqüentemente, culpando a mãe por esta impossibilidade? E agora, com o

namorado, a mãe novamente se coloca como obstáculo nesta relação, impedindo-a de vê-lo. Tatiana escolheu um namorado como o pai, um traficante temido pelo morro. Será que essa repetição ocorre justamente pela falha na transmissão psíquica no que diz respeito à morte do pai?

A questão do sujeito se define, cada vez mais, no espaço intersubjetivo e, mais precisamente, no espaço e no tempo da geração, do familiar. É inegável que a construção da subjetividade se dá na relação com o outro. Para Kaës (1989), a característica notável dos objetos de transmissão é a de serem marcados pelo negativo. É justamente o que falta, a vergonha, o recalçamento, o que não se retém, os objetos perdidos e enlutados, que são transmitidos. Mas o que se transmite não é só o negativo, é também algo da ordem do amparo, que assegura a continuidade narcísica e conserva os vínculos intersubjetivos. Kaës (2000), postula a noção de “pacto denegativo” como sendo aquilo que se impõe em todo laço intersubjetivo e passa a ser compartilhado entre os membros do casal, assim como são compartilhados os destinos da repressão ou da denegação, da recusa, da rejeição, etc. Tudo ocorre no registro do inconsciente, o que se percebe não é o segredo em si, mas a existência de algo que não pode ser revelado. Esse acordo inconsciente existe para que se mantenha o laço, a continuidade dos investimentos ligados aos ideais do contrato ou pacto narcísico.

O pacto denegativo é formado, portanto, por dois extremos: um que organiza o laço intersubjetivo e outro que serve como mecanismo de defesa. Cada sujeito se organiza positivamente a partir de investimentos, identificações, projeções e infundáveis buscas de satisfação. Por outro lado, se organiza negativamente sobre uma quantidade de renúncias, sacrifícios, rejeições e recalques que mantêm excluídas partes da história do sujeito. O pacto denegativo, segundo o autor, contribui para esta dupla organização. A relação entre elas põe em jogo economias, tópicas e dinâmicas cruzadas entre o sujeito singular que percebe seu próprio fim e a cadeia transgeracional da qual é herdeiro.

Nos casais, assim como em outras formas de relacionamento, as alianças e pactos inconscientes sustentam principalmente o destino do recalçamento e da repetição. Os parceiros formam pactos que asseguram sua continuidade. No entanto, qualquer modificação nestes pactos questiona a organização intrapsíquica de cada sujeito. Kaës (1989) apresenta três modalidades do negativo como sendo

possibilidades de formação de pactos denegativos, de um contrato ou de uma aliança inconsciente entre os sujeitos do vínculo. São elas:

- Negatividade de obrigação: provém da necessidade do aparelho psíquico em utilizar determinados mecanismos de defesa como renúncia, rejeição, isolamento, denegação e recusa, a fim de preservar interesses maiores para sua própria organização psíquica e da sua relação com os outros. O autor assinala a necessidade da negatividade de obrigação para formação e manutenção do vínculo. Muitas vezes, tornam-se necessários apagamentos de limites impostos pelas identificações, sacrifícios de certas partes de si mesmo e do outro, recalçamento de uma determinada representação, ou a rejeição de afetos, para que a vida comum seja possível. Se pensarmos na estrutura do casal, veremos que os cônjuges precisam fazer uma série de renúncias para permanecerem juntos. E por que não dizer que só estão juntos pois foram capazes de renunciar ao amor edípico por seus pais.
- Negatividade relativa: está relacionada à possibilidade de se constituírem futuros vínculos a partir do restabelecimento de algo que não pôde ser dito ou pensado anteriormente. O objeto é então constituído na falta, na insuficiência. De acordo com o autor, nenhum vínculo se estabelece sem que haja uma tentativa inicial de se resgatar algo do estado de simbiose original. Cada vez mais as pessoas procuram no outro um espaço potencial para aquilo que em outro momento não foi possível. O parceiro é, desta forma, investido como “albergue psíquico” e tem a função de hospitalizar as partes enfermas de seu cônjuge.
- Negatividade radical: ela se representa como um não lugar, uma não experiência, um não-vínculo, aquilo que no espaço psíquico tem o estatuto do que não é. Algo da ordem do irrepresentável, do vazio, do desconhecido, da ausência. Seria, talvez, o que está encriptado, enraizado e, por esta razão, até mesmo desconhecido.

Se trata de algo cujo enunciado não é jamais formulado. No entanto, pode ser reconhecido na cadeia de significantes do vínculo.

Ana é uma moça de 20 anos que veio nos procurar por estar passando por um período “difícil”, sente-se muito triste e sem vontade de fazer tudo o que sempre gostou de fazer. Seu namoro de 3 anos havia acabado pelo fato de seu namorado não mais agüentar seus “ataques de ciúmes” e sua “necessidade de ficar grudada”. “Sempre que namoro fico querendo estar ao lado da pessoa o tempo todo”. Fernando (ex-namorado) parece ter agüentado esse jeito de Ana até um momento em que viu necessidade de romper este pacto. O pai de Ana sempre bebeu muito e, desde pequena, ela se sente abandonada por ele. Fala que gostaria de ter um “pai mais presente”, não entende como a mãe permanece casada com o pai. Muitas vezes questionou a mãe e se “intrometia” na relação do casal até que sua mãe lhe disse que ela é quem deveria resolver isso com o marido, delimitando assim o espaço do casal. Toda vez que ele saía de casa e passava dias sem dar notícias, ela ficava com mais raiva do pai e dizia para a mãe que elas iriam viver muito melhor sozinhas. Ana adotou a postura de não falar com o pai, não gosta quando ele está em casa e faz de tudo para não se cruzarem. Ao mesmo tempo, ela manifesta um grande medo de que seu pai morra, se questiona de como ficaria sem ele e sem ter resolvido esta situação. Alterna momentos em que acredita ser necessário conversar com o pai, com outros em que acha que é ele quem deveria falar com ela, “afinal foi ele que errou comigo”. Os dois permanecem sem ter uma relação entre eles, falam somente o necessário e é a mãe quem, muitas vezes, intermedia a relação. A mãe, por sua vez, conta para a filha que o pai saía muito com ela quando Ana era pequena. Ela diz não se lembrar disso e conta que seu avô paterno morreu quando seu pai era criança. Ana achou que por esta razão seu pai lhe daria “tudo o que ele não teve quando pequeno”. Justamente por não ter tido um pai presente, Ana achou que seu pai faria tudo para estar ao seu lado.

Há, neste caso, um lugar de não-ditos. Parece haver uma necessidade de, conforme foi explicado anteriormente (negatividade relativa), através do namorado, restabelecer esta relação com o pai ausente. O parceiro fica como depositário dessa sua “enfermidade”. Ficar grudada é justamente o que ela não teve na relação com o pai e que, segundo ela, o pai também não teve com seu pai.

Amar para ela parece significar estar grudada, caso contrário há um grande medo de perder esse objeto de amor.

4.3

O mito familiar na constituição do casal

Em nossa história há sempre algo que precede nossa existência sob a forma de “*traços sem memória esvaziados de sentido*” (Correa, 2000a: 97) e, assim, permanecem congelados e não-simbolizados. Podem ser mitos, objetos, histórias que foram perdidas ou talvez esquecidas por nossos ancestrais. Porém, de uma forma ou de outra, nos são inconscientemente transmitidas e fazem parte de nosso legado geracional.

Isto nos remete ao conceito de mito familiar. Segundo Almeida Prado (2000), o mito, tal como a formação do inconsciente, é uma construção imaginária que se estabelece a partir da origem de alguma coisa. Assim como o inconsciente, o mito também testemunha uma pré história, uma construção imaginária sobre a origem do grupo. O pensamento mítico se manifesta no momento da fundação do grupo, no caso, da família, no momento da escolha do parceiro e da constituição do casal. Ele se constitui a partir de convicções compartilhadas e inquestionáveis, aceitas previamente, mesmo sem base na realidade.

A autora estabelece um paralelo entre o mito e a fantasia e ressalta que o mito está para o grupo assim como a fantasia está para o indivíduo. As fantasias se estruturam a partir do mito e, de forma reflexiva, podemos dizer que o mito brota da vida fantasiosa do sujeito. Da mesma forma como mencionamos anteriormente que as escolhas amorosas revelam muito sobre as experiências primitivas de cada sujeito, o mito também tem esse caráter repetitivo que nos remete às origens da família. Ele nos conta uma história que não é a original, mas que se assemelha a ela em seu simbolismo. A cada vez que esta história é contada ela se transforma e difere da original, existindo, portanto, diversas versões sobre o mesmo mito. É, assim, uma criação fantasiosa de uma realidade que não pôde ser revelada por alguma razão. No entanto, sua lógica e organização procuram resolver o que não foi possível de outra forma.

Ao mesmo tempo em que o mito configura uma realidade, também tem um sentido normativo, organizador, que possibilita um código comum entre os indivíduos que dele partilham. Cada família tem um representação mítica de o que é uma família ideal. O mito familiar é definido como um relato, uma história que contém um conjunto de crenças compartilhadas por toda a família e que são transmitidas entre as gerações. Possui, além de um caráter organizador, um caráter protetor, na medida em que nos fala a respeito dos vínculos estabelecidos, papéis, acordos e pactos, nos indicando uma identidade familiar. Cada mito dá sentido a uma realidade e tem como característica proporcionar uma certa homeostase, mantendo a concordância do grupo e fortalecendo essa identidade. De acordo com Eiger (1983), o mito diz respeito àquilo que é essencial para o ser humano: as emoções, ligações às origens, recordações de um passado comum e um sentimento de pertença e identidade familiar.

Lévi-Strauss (citado por Almeida Prado,2000), chama atenção para a impossibilidade de compreender-se o mito como algo contínuo e linear. No mito, passado e presente se interconjugam, sua estrutura se forma pelo processo de repetição. Ele não está preso a seqüências e acontecimentos, mas se constitui, sobretudo, a partir do encadeamento de recortes de fatos e uma interpretação singular dessa realidade criada. É como se o mito relatasse uma história incompleta, com lacunas a serem preenchidas. A cada geração por que passa, ele é contado de outra forma, ou seja, a partir de um outro ponto de vista e, provavelmente, sofrerá alterações. Cada qual tem para si sua própria versão.

A complexidade do mito familiar se deve a sua plurideterminação, a sua multicausalidade e à pluralidade de seus conteúdos, pondo em articulação as dinâmicas inconscientes individuais e estando conectado às origens – origem do casal, origem da família, origem dos filhos, origem de si mesmo – o que remete às fantasias originais de cada membro do casal, às relações com seus pais e com suas famílias de origem, relações estas que se verão reatualizadas a partir da própria constituição do casal e particularmente com o nascimento dos filhos. O mito familiar tem assim uma dimensão sincrônica e outra diacrônica, servindo de modelo de significação – acredita-se nele, daí sua eficácia – com o objetivo de tornar pensáveis situações saturadas em termos emocionais e de resolver possíveis contradições em planos diversos, descartando a busca de outras soluções, sendo assim uma reconstrução contínua e uma ferramenta para o pensar. (Almeida Prado, 2000: 58)

Na família, a criação do mito tem uma característica simbólica. Ele representa aquilo que não se pode dizer. Muitas vezes, segredos e mitos são iniciados por um membro da família e mais tarde são incorporados pelo resto da família como um processo de influência mútua. Ele aparece como uma produção imaginária, uma representação familiar interna. Nesse sentido, o mito tem um caráter defensivo, pois incorpora uma história que tem como finalidade proteger o sofrimento que está sendo velado através da mesma. A criação do mito pela família é também uma tentativa de resolver determinadas contradições e paradoxos familiares. É, portanto, uma tentativa de elaboração ligada aos traumas e desejos recalçados. A recusa do pensamento mítico significa recusar pertencer ao mesmo grupo familiar, é questionar os vínculos e romper com a homeostase por ele proporcionada.

A percepção do mito por cada membro da família é um processo interno e individual. Neste sistema de crenças, cada membro desempenha um papel e compartilha pactos e acordos inconscientes que acabam por organizá-los. Por outro lado, alguns mitos surgem a partir de um membro da família e se estabelecem com a resposta e a aceitação do resto do grupo familiar. Desta forma, se estabelece como uma lei inconsciente da qual todos participam cumprindo determinados papéis.

Vale ressaltar que o fato de o mito ser um enunciado partilhado por todos, acaba por unir os membros da família e pode até mesmo impedir o desdobramento de um grupo. Como conclui Almeida Prado (2000), dentro de um sistema familiar o mito mantém uma concordância que fortalece os papéis e pactos previamente estabelecidos. Talvez por possuir esta característica é que, frequentemente, atravessa gerações e permanece como particularidade da família.

Na dinâmica do casal, os cônjuges vêm de diferentes famílias de origem onde crenças e histórias revelam, de maneira obscura, verdades fundamentais. O mito pode influenciar diretamente na escolha do parceiro, as representações entre gerações organizam essa escolha que pode denunciar o cruzamento de representações e afetos entre eles. Os objetos ancestrais podem estar imaginariamente depositados no outro. De acordo com Eiguer (1997), isso ocorre pelas mais diversas razões: atração, curiosidade, desejo de reparação, etc. No entanto, a existência de conflitos entre o casal pode estar relacionada à dependência de cada um a seus mitos familiares. Cada cônjuge se preocupa em

manter-se fiel à sua própria família, sem, contudo, se preocupar com a nova estrutura que estão formando.

Em um casal, pode ser que ambos os parceiros possuam mitos semelhantes em suas histórias. Isto pode ser um fator inconsciente que os une. A união desses parceiros permite, assim, a perpetuação e o partilhar do mito. É muito comum uma certa complementaridade entre as representações de cada parceiro. O casal reconstrói, no presente, o passado integrado de duas realidades distintas. O que não se resolve, se repete numa tentativa de encontrar soluções. Mecanismos como projeção, clivagem e denegação ajudam o sujeito a minimizar ou até eliminar certas recordações não desejáveis. Nas relações amorosas ocorre essa busca inconsciente de evitar a dor e o sofrimento em si mesmo através do outro. O sujeito é diretamente atingido pela história de seu parceiro.

Gabriela⁵ não foi uma criança “desejada”, sua mãe engravidou e por isso casou-se com seu pai. Eles pensaram em abortar mas decidiram tê-la. Desde o seu nascimento ela tinha como “função” unir seus pais. Mas isso não aconteceu e parece que ela se sente culpada por isto. Após a separação de seus pais, Gabriela continuava tendo essa função, sua mãe dizia que ela e o irmão poderiam conseguir unir novamente os dois. Todos os relacionamentos amorosos de Gabriela duram até que o outro ponha um ponto final na relação. É sempre ela quem fica tentando uma reconciliação. Afinal, esta parece ser sua função. O mito fundador deste casal parental foi o nascimento de um filho não planejado, e é interessante perceber na fala de Gabriela sua certeza ao afirmar que não quer ter filhos porque é “muita responsabilidade”, quer trabalhar e ser independente. O que será que é muita responsabilidade: ter filhos ou fazer desses filhos responsáveis pela união do casal? Gabriela até pouco tempo namorava um rapaz que vinha de uma família cujos pais se separavam e se reconciliavam várias vezes. O rapaz não falava com o pai, pois achava que era dele (do pai) a culpa de seus pais não estarem juntos. O namoro deste rapaz com Gabriela sempre foi muito tumultuado, eles viviam brigando e terminando o relacionamento, mas Gabriela sempre se esforçava para que eles voltassem.

O que poderíamos dizer sobre esta união? Parece haver uma semelhança na histórias dos membros desse casal. Assim como Gabriela, o namorado, apesar

⁵ Caso já citado na página 25.

de acusar o pai, sente-se culpado pela separação dos pais. Será que poderíamos afirmar que este era um fator inconsciente que os unia? Além disso, Gabriela afirmava que o único lugar em que sempre se davam bem era na cama. O sexo era o fator que, de alguma forma, os mantinha juntos. Isso nos faz pensar na questão da família de origem de Gabriela: o sexo, e, conseqüentemente, o nascimento de um filho não planejado, foi o que uniu os pais de Gabriela.

5

Conclusão

A partir do que nos propomos a estudar, pudemos constatar que as escolhas amorosas são, muitas vezes, repetições de certos padrões de comportamento aprendidos na infância. Freud nos indica em vários textos as influências dessas repetições. Em primeiro lugar, somos fortemente influenciados pela relação que estabelecemos com a figura materna.

O desamparo, marca estrutural de todo ser humano, evoca em nós um sentimento de finitude, incompletude e de dependência do outro - inicialmente a mãe. Não existe independência sem dependência inicial, assim como também não há autonomia sem uma fusão ou simbiose anterior. É a partir desses estados iniciais que todos nós vamos nos desenvolver. Inicialmente, o bebê permanece misturado com a mãe, num estado de simbiose que serve, muitas vezes, como referência para as relações amorosas. Ao mesmo tempo em que precisamos nos separar dessa relação simbiótica para nos constituirmos como sujeito, permanecemos buscando um retorno desse estágio de narcisismo primário.

Outro fator que influencia as escolhas amorosas é o Édipo. Ao descobrir nos pais seu primeiro objeto de amor e ter que renunciar a ele em virtude do interdito incestuoso, a criança se vê obrigada a modificar seus desejos sexuais em relação aos pais, transformando-os em sentimentos afetuosos. Sob este aspecto, podemos dizer que amar está relacionado a um certo amadurecimento, na medida em que é preciso deslocar-se de um objeto proibido para um outro. Muitas vezes, esse outro objeto se assemelha ao objeto proibido, pois este é o ideal a ser atingido.

A idealização ocorre como uma busca em aproximar o objeto eleito do objeto original. Desta forma, compreendemos que há uma tentativa de resgatar o estado de narcisismo infantil, uma ilusão de um reencontro no qual as fronteiras entre o eu e o outro tendem a desaparecer. Essa idealização é fortemente percebida no fragmento clínico da paciente Joana. A fantasia de que o marido fosse sua metade (“metade de sua laranja”), e de que estar sem ele era o mesmo que perder um braço ou uma perna, nos remete a um estágio infantil de simbiose.

Compreendemos essa escolha como uma repetição de um sentimento infantil de fusão, além de revelar a essência narcísica do amor, onde querer fazer um é querer ser único (assim como o bebê também quer ser único para mãe).

Outro aspecto a ser destacado aqui é justamente o elemento narcísico das escolhas amorosas. Até que ponto quem ama se priva realmente de seu narcisismo ou ama no parceiro algo de si projetado no outro, ou seja, no fundo se reinveste narcisicamente? Podemos afirmar que a idealização é uma forma indireta pela qual o sujeito pode encontrar satisfação narcísica. O parceiro passa a ser o depositário desse ideal de perfeição que o sujeito não pôde atingir.

O jogo identificatório, assim como o mecanismo projetivo ativado permanentemente nas relações amorosas, fornece o enquadre propício para elaborações e reestruturações nas duas subjetividades envolvidas. O sujeito utiliza diversos mecanismos para que isso aconteça, tais como: se livrar de partes indesejadas do ego que causam ansiedade ou dor, projetar o ego ou partes dele para dentro de um objeto a fim de dominá-lo e controlá-lo ou, ainda, penetrar num objeto para apoderar-se e apropriar-se de suas capacidades. Nas relações amorosas é comum o parceiro ser depositário de vários aspectos indesejáveis do outro e, por estarem sendo vividos pela pessoa amada, perdem, muitas vezes, a ansiedade que costumavam causar.

Compreendemos, desta forma, que o amor é um produto derivado de uma elaboração psíquica, da reparação de objetos danificados na fantasia. É como se, em alguns casos, o outro fosse parte contínua do próprio sujeito, na medida em que passa a conter a parte expelida dele. O casal, sob esta perspectiva, é resultado do interjogo permanente entre intrapsíquico e interpessoal, e entre as imagens internas e as relações objetais compartilhadas. Os casais, por meio da identificação, reencenam experiências e fantasias inconscientes, marcadas pela projeção de aspectos infantis.

No momento da escolha amorosa todos estes processos estão presentes e fazem com que os parceiros, de alguma forma, reatualizem vivências pré-edípicas e edípicas. Não é uma mera reprodução ou imitação de algumas cenas. A repetição ocorre na medida em que se representa de diferentes formas para o sujeito. Não procuramos um único fato causador da repetição, há uma série de fatores que contribuem para isso e, talvez, nunca cheguemos ao primeiro desses

fatores. Compreendemos a repetição como um tempo passado que se atualiza no presente sob as mais variadas formas.

Já citamos acima dois aspectos que consideramos como fatores que influenciam a repetição nas escolhas amorosas: a relação mãe/bebê e o Édipo. É bastante comum percebermos como as escolhas amorosas repetem, muitas vezes, as histórias das famílias de origem dos parceiros. Ao citarmos o caso de Marta, percebemos uma repetição dos aspectos edípicos. Marta elegeu como objeto de amor alguém com o mesmo comportamento de seu pai, apesar de inicialmente não saber disso. No entanto, ao descobrir que seu marido a traía, assim como seu pai traía sua mãe, Marta sentiu que realmente amava o marido.

Mas como isso foi passado para Marta, se inicialmente ela não sabia que esse marido iria traí-la? O que a fez escolher um parceiro que mais tarde iria repetir o comportamento de seu pai? Acreditamos que as escolhas não se dão ao acaso, há uma certa continuidade da vida psíquica entre as gerações que ocorre através da transmissão psíquica.

Toda criança quando nasce é portadora de um discurso e desejo do casal parental. Esse desejo é, muitas vezes, formador de uma imagem identificatória que antecipa a constituição do sujeito. Fazemos isso também nas nossas escolhas amorosas: antecipamos e projetamos nossas expectativas em um outro que ainda estamos conhecendo. É um advir, uma antecipação que exige que o outro ocupe um lugar pré-determinado, sem que ele, muitas vezes, saiba disso. A criança deve realizar os desejos que os pais não puderam realizar. Talvez pudéssemos dizer que essa expectativa também ocorre nas relações amorosas. O parceiro permanece, através da identificação, como realizador daquilo que o outro não pôde realizar, mas que através dele atingirá indiretamente.

A transmissão psíquica se efetua, sobretudo, através de identificações e mecanismos projetivos dos pais. Certamente, não recebemos tudo de forma bruta, temos uma participação naquilo que nos é dirigido. Cada um internaliza o que lhe é transmitido de maneira singular, sofrendo, muitas vezes, uma transformação ou, ainda, uma reconstrução entre aquilo que se pretendeu transmitir e o que cada um internalizou. Se há sempre algo que escapa nessa transmissão, será que é possível dar significado a tudo aquilo que nos é transmitido? Acreditamos que surgimos também a partir daquilo cuja inscrição e representação estão ausentes, servindo, muitas vezes, como porta-voz do não-dito, do inominável e irrepresentável. Não

há como ocultar totalmente importantes representações, há sempre algo da ordem do inconsciente, que escapa até mesmo à mais forte repressão, aparecendo de forma disfarçada nas gerações posteriores. Parece haver sempre algo que precede nossa existência e que permanece congelado e cristalizado. Mas será que a cada geração que passa isso não pode transformar-se e até ser elaborado?

A formação do casal é muito influenciada pelas famílias de origem de cada parceiro. O mito familiar é constituinte de uma identidade grupal e, como tal, é organizador de um código comum entre os membros do grupo. No entanto, ele não é uma estrutura cristalizada; a cada geração que passa é contado de forma diferente, pois cada um tem sua própria versão do mito. Nas relações amorosas, os parceiros vêm de famílias diferentes, e, portanto, com mitos distintos. Não obstante, é muito comum que a escolha dos parceiros revele uma semelhança e complementaridade entre os mitos familiares, esse pode ser um fator que, inconscientemente, os une. Há uma tendência em reconstruir o mito familiar nas relações amorosas atuais porque o mito representa aquilo que não se pode dizer.

Na história de Gabriela, percebemos como foi forte para ela carregar essa função de “unir os pais”. Parecia esse ser um legado que ela teria que continuar. Não era capaz de terminar seus relacionamentos mesmo que estivesse infeliz, era sempre o outro que dava o ponto final. Abrir mão desse mito que fundou sua família (unir o casal) era muito difícil para ela. Mais tarde, ela foi perceber que seu namorado, cujos pais também eram separados, sentia-se fortemente responsável pela separação dos pais.

Assim, podemos concluir que as escolhas amorosas repetem essencialmente dois aspectos da formação do sujeito: a relação mãe/bebê e o Édipo. No entanto, isso ocorre de diversas formas a partir das histórias familiares de cada cônjuge. Cada sujeito, na sua singularidade, vai dar um destino para aquilo que lhe é transmitido. Mas, muitas vezes, acreditamos ser difícil escapar de algo que não foi representado nas gerações anteriores. O que não pôde ser revelado vai aparecer de alguma forma, ainda que disfarçado.

6

Referências bibliográficas

ALMEIDA PRADO, M. C. Uma Introdução aos Qüiproquós Conjugais. In: **FÉRES CARNEIRO T.** (org.). *Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996. p. 17-24.

_____. Narcisismo, Conjugalidade e Estados de Entranhamento. In: **FÉRES-CARNEIRO, T.** (org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro, NAU, 1999. p. 150-163.

_____. *Destino e Mito Familiar - uma questão na família psicótica*. São Paulo: Vetor, 2000.

ALVARENGA, L. *Na Escuta do Laço Conjugal*. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.

AULAGNIER, P. *A Violência da Interpretação. Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BENGHOZI, P. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crises e catástrofes humanitárias. Desemalhar e reemalhar continentes genealógicos familiares e comunitários. In: **CORREA, O.** (org). *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 89-101.

BERENSTEIN, I. & PUGET, J. *Psicanálise de Casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BEZERRA BARROS, E. *Eu Narciso Outro Édipo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BLEICHMAR, H. *O Narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

CHERMONT, L. *Narcisismo e Identificação na Resolução do Édipo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, 1980.

CICCONE, A. A Superposição Imagóica e a Fantasia de Transmissão. In: **EIGUER e cols.** *A Transmissão do Psiquismo Entre Gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco, 1997. p. 181-238.

CORREA, O. (org.). *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta, 2000a.

_____. *O Legado Familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000b

EIGUER, A. *Um Divã Para a Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

EIGUER, A. e cols. *A Transmissão do Psiquismo Entre Gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco, 1997

FÉRES-CARNEIRO, T. Escolha amorosa e relação conjugal na homossexualidade e na heterossexualidade: um estudo sobre namoro, casamento, separação e recasamento. In: **FÉRES CARNEIRO T.** (org.). *Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996. p. 71-100.

_____ . Escolha amorosa e relação conjugal na homossexualidade e na heterossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 10, n. 2, 1997,351-368.

FREITAS, A. Entre o amor e o desejo, a transferência. *Revista Tempo Psicanalítico*, v. 30, 1998, 7-19.

FREUD, S. Carta 105. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1889/1974.

_____ . Carta 52. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1896/1974.

_____ . Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905a/1974.

_____ . Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905b [1901]/1974.

_____ . Gradiva de Jensen. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1907/1974.

_____ .Um Tipo Especial de Escolha Feita Pelos Homens. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1974.

_____ . Sobre a Tendência Universal à Depreciação do Amor. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1974.

_____ . Totem e Tabu. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1974.

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914a/1974.

_____. Observações Sobre o Amor de Transferência. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1914b/1974.

_____. Luto e Melancolia. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974.

_____. Os Instintos e Suas Vicissitudes. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915a/1974.

_____. Sobre a Transitoriedade. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915b/1974.

_____. O Estranho. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.

_____. Além do Princípio do Prazer. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1974.

_____. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1974.

_____. O Ego e o Id. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1974.

_____. O Mal Estar na Civilização. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930 [1929]/1974.

_____. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro, 1933/1974.

_____. Análise Terminável e Interminável. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro, 1937a/1974.

_____. Construções em Análise. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro, 1937b/1974.

_____. A Divisão do Ego no Processo de Defesa. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro, 1938/1974.

GARCIA-ROZA, L. A. *Artigos de Metapsicologia*, v. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: **CORREA, O.** (org). *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 17-43.

KAËS, R. El Pacto Denegativo en los Conjuntos Trans-subjetivos. In: *Lo Negativo, Figuras y Modalidades*. Buenos Aires: Amarrorlu, 1989.

_____. Um Pacto de Resistência Intergeracional ao Luto. Transmissão psíquica dos efeitos de morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. In: **CORREA, O.** (org.). *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta, 2000.

KERNBERG, O. *Psicopatologia das Relações Amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEJARRAGA, A. L. *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção de amor na obra Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MODELL, A. *Amor Objetal e Realidade. Uma introdução à teoria psicanalítica das relações amorosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NASIO, J. *Qu'est-ce que notre passé?* In: [<http://www.carnetpsy.com/Archives/Recherches/Item>] 2001. Site Carnet Psy, acessado em Outubro de 2002.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1980/1998.

_____. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983/1998.

PINCUS, L. & DARE, C. *Psicodinâmica da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1978/1987.

PINHEIRO DE FREITAS, L. A. *O Conceito de Identificação na Obra de Freud*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, 1995.

PLATÃO. O Banquete. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1972

PUGET, J. Disso Não se Fala... Transmissão e Memória. In: **CORREA, O.** (org). *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-87.

SEIXAS MAGALHÃES, A. *O “Eu” Transformado pelo “Nós”:* influências da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, 2000.

VILHENA, J. A Vivência de Separação. Uma análise clínica. *Psicologia Clínica*, v. 3, n. 3, 1988, 3-14.

WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1975.